



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

FRANCIEL DOS SANTOS RODRIGUES

**ENTRE O DITO E O ESCRITO: HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DAS
REZADEIRAS E DA COMUNIDADE DE JUNCO DO SERIDÓ – PB**

**CAMPINA GRANDE
2019**

FRANCIEL DOS SANTOS RODRIGUES

**ENTRE O DITO E O ESCRITO: HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DAS
REZADEIRAS E DA COMUNIDADE DE JUNCO DO SERIDÓ – PB**

*Monografia apresentada ao curso de
Licenciatura Plena em História da
Universidade Estadual da Paraíba em
cumprimento à exigência para conclusão do
curso.*

Orientador: Prof. Msc. Alberto Edvanildo
Sobreira Coura.

**CAMPINA GRANDE
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

R696h Rodrigues, Franciel dos Santos.
Entre o dito e o escrito [manuscrito] : histórias e memórias das rezadeiras e da comunidade de Junco do Seridó PB / Franciel dos Santos Rodrigues. - 2019.
70 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2019.
"Orientação : Prof. Dr. Alberto Edvanildo Sobreira Coura ,
Coordenação do Curso de História - CEDUC."
1. Rezadeira. 2. Cultura popular. 3. Rituais de cura. 4.
Influências sociais. I. Título

21. ed. CDD 392

FRANCIEL DOS SANTOS RODRIGUES

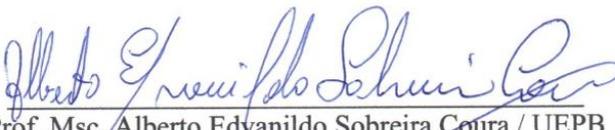
**ENTRE O DITO E O ESCRITO: HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DAS
REZADEIRAS E DA COMUNIDADE DE JUNCO DO SERIDÓ – PB**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao curso de Licenciatura em História do Centro de Educação da Universidade Estadual da Paraíba UEPB, Campus I em cumprimento aos requisitos necessários para obtenção do grau de licenciatura em História.

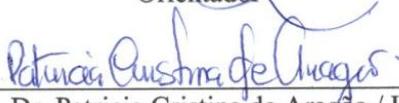
Orientador: Prof.Msc. Alberto Edvanildo Sobreira Coura.

Aprovado em: 29/11/2019.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Msc. Alberto Edvanildo Sobreira Coura / UEPB

Orientador


Profª. Dr. Patricia Cristina de Aragão / UEPB

Examinador


Profª. Msc. Maria de Lourdes de Lopo Ramos / UEPB

Examinador

Aos meus pais, pela dedicação,
companheirismo e amizade, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Vejo-me recordando desde o primeiro dia que entrei na sala de aula na universidade, um caminho que foi traçado desde cedo, no qual pessoas especiais da minha vida sempre me apoiaram e são dignos desse pequeno agradecimento.

Assim, agradeço primeiramente ao Pai Celestial que possibilitou esse caminho, sempre guiando e mostrando quais caminhos devo seguir mesmo diante das adversidades, a ele que cria todas as coisas, em especial ao ofício que recorre a ele para agir e que ganhou lugar nessa produção.

Agradeço aos meus pais e minha família por sempre terem me apoiado e acreditado em mim, mesmo quando eu não acreditava, a família é o berço de tudo, e a esses que me deram tudo eu retribuo com a educação e a formação que tanto se orgulham.

A todos os meus amigos, que me ajudaram a seguir a vida de estudante, nos momentos ruins e difíceis, as alegrias e tristezas que compartilhamos juntos.

Agradeço ao professor Alberto por todos os conselhos e por sua sabedoria, esse trabalho chega ao seu fim graças as suas contribuições. Não apenas um professor ou um orientador, mas um amigo que conquistei, sua inteligência e carisma cativa a todos que o rodeiam, sou grato ao professor Alberto por me mostrar que ser humano e não desistir de seus sonhos é uma qualidade admirável.

Agradeço a todos os senhores que senhoras que dispuseram em abrir um pouco do seu tempo para relatar suas experiências e vivências, graças a eles foi possível adentrar num mundo pouco visto pela juventude, a sabedoria desses senhores é admirável.

Por fim, agradeço ao departamento de História da Universidade Estadual da Paraíba e sua grade de professores que contribuíram grandemente para minha formação e

que são exemplos de profissionais a serem seguidos. Agradeço também a banca avaliadora que examinou este trabalho que chega ao seu término.

RESUMO

O presente trabalho apresenta uma análise sobre o ritual de cura e a influência social das rezadeiras ou benzedadeiras da cidade de Junco do Seridó, na Paraíba, buscando compreender como um ofício colocado entre as ramificações folclóricas, desempenhou e desempenha um papel de suma importância para a história cidade. Expondo historicamente o ato da cura e seus ritos religiosos, além da relação dessas detentoras de saberes com o sagrado cristão e de outras tradições religiosas, e que se foi possível fazer por meio de um estudo sobre cultura popular, especialmente a história cultural e social, trazendo uma interpretação dessas práticas de cura, seus símbolos e sua importância, expondo um estudo aprofundando não apenas sobre sua história e seus ritos, mas a implicância social deste ofício.

Palavras-Chave: Rezadeira. Cultura popular. Sociedade.

ABSTRACT

This paper presents an analysis about on the healing ritual and the social influence of the “prayers” or “faith healers” of the city of Junco do Seridó in Paraíba, searching to comprehend how this craft put between the folkloric ramifications, played and plays a very important role into the city history. Historically exposing, the act of healing and their religious rites, beyond the relationship of these knowledge holders with the sacred Christian and other religious traditions, that was possible through a study of popular culture, especially cultural and social history, bring an interpretation of these practices of healing, its symbols and its importance, exposing a deep study, not only about its history and its rites, but the social implication of this craft.

Keywords: Prayer.Popular culture. Society.

RELAÇÃO DOS DEPOENTES

Maria Nazaré dos Santos, 68 anos.

Maria de Lourdes Silva, 75 anos.

Ivete Simplicio, 68 anos.

Jacira Maria dos Santos Nóbrega, 65 anos.

Marina Galdino da Silva, 65 anos.

Margarida Bezerra da Nóbrega, 79 anos.

Abrahão Alves da Silva, 79 anos.

Maria do Carmo e Souza, 68 anos.

Luiz Gonzaga, 55 anos.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	10
1-CULTURA POPULAR, SOCIEDADE E MEMÓRIA	14
1.1 Oralidade e memória nos depoimentos das rezadeiras e da comunidade.....	18
2- O RITUAL DE CURA NAS VOZES DAS REZADEIRAS JUNCOENSES	23
2.1 “O que cura a gente é a reza”: Dona Nazaré.....	28
2.2 “Eu ouvia e fui aprendendo” Lourdes Zé Soares.....	33
2.3 “Ele falando e eu copieei tudinho” : Tia Ivete.....	37
2.4 Remédios caseiros segundo a rezadeira Dona Jacira.....	42
3 PERCEPÇÕES SOBRE AS REZADEIRA A PARTIR DAS VOZES DOS CIDADÃOS JUNCOENSES	48
3.1 Rezadeira: memória religiosa de Dona Marina	50
3.2 Memórias coletivas. Diálogo dos depoimentos de Margarida, Abrahão e Maria do Carmo	54
3.3 O catolicismo local e o lugar da rezadeira. Depoimento do Pe Luiz Gonzaga	59
CONSIDERAÇÕES FINAIS	63
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	65
APÊNDICES	68

APRESENTAÇÃO

Buscar estudar e pesquisar sobre a história local é em suma, dar uma visibilidade nesse campo, haja vista que, o estudo local permite ao indivíduo analisar acontecimentos antes estudados em uma amplitude maior, mas agora essas consequências em um campo espacial menor. Nesse sentido, caminha a compreensão da extensão desse trabalho, que visa analisar o ritual de cura das rezadeiras e sua implicância social no interior da Paraíba, na cidade de Junco do Seridó PB¹, desde sua fundação em 1961 até a contemporaneidade.

O cotidiano desses indivíduos e o reconhecimento adquirido pela comunidade em que atuam, nos permitiu pesquisar sobre o que leva a construção histórica, seja de forma coletiva ou individual, sobre a importância da reza enquanto meio de cura, doravante que as figuras nas quais serão apresentadas, na sua maioria são mulheres que atuam nessa função. É necessário que se atente sobre este aspecto. Essa diversidade cultural existente no Brasil, que é apresentada como cultura popular, traz especialmente a presença de um grande sincretismo religioso, que possibilita determinadas junções no tocante das práticas religiosas como representações de uma cultura.

Pensar o termo cultura popular nesse sentido, é pensar segundo Burke (1988) que não trata o “popular” diante uma concepção homogênea sem compreender as diversas manifestações presentes, mas entender que o popular aos olhos da história conduz todo um conjunto de práticas, representações e crenças das mais diversificadas, que muitas vezes não é reconhecido pela cultura elitista ou cultura oficial que se põe contra as outras. Essas duas culturas, seja ela oficial, enquanto uma manifestação de maior repercussão, ou como quando colocada enquanto menor e sem força, possibilita enxergar como algumas dessas manifestações podem circular entre si e se interligarem diante de suas características.

É nesse sentido que a pesquisa vai tomando forma e ganhando espaço, não apenas uma produção que traz um valor acadêmico como as análises dos ofícios populares enquanto objeto de estudo, mas o presente trabalho visa uma relevância social, pois é através dessa produção monográfica que as práticas culturais do ofício de rezadeira na cidade passam a ser expostas e transcritas para que a própria comunidade tenha contato com sua história, que por vezes passa despercebida, haja vista que até o prezado momento,

¹ Município brasileiro localizado no estado da Paraíba, situado na região metropolitana de Patos, com estima de 7.016 habitantes. Dados: IBGE 2017.

² Conceito utilizado por Carlo Ginzburg na sua obra “Andarilhos do bem” (2010); remetendo-se as práticas culturais que rodeiam a sociedade de forma circular.

³ Conceito de memória coletiva, ver M. Halbwachs, A memória coletiva, Paris, PUF, 1990.

nenhum trabalho foi produzido sobre esses ofícios na cidade, o que torna esse o primeiro, servindo como base para próximas pesquisas semelhantes.

Em meio a tal relevância, o promover desse trabalho parte justamente dos estudos sobre a história cultural e social, que por vezes faz com que enxerguemos como algumas manifestações que se rotulam de populares, ou até mesmo passam despercebidos aos olhos da academia e de parte da sociedade, conseguem atuar em algumas localidades.

Assim se organiza os caminhos percorridos sobre a análise desse ritual, qual foi tomando como fonte o viés oral, possibilitando a entrevista de nove pessoas, dentre elas quatro senhoras rezadeiras, duas senhoras, um senhor da comunidade, assim como o padre da cidade, esses, com idade entre sessenta a setenta e nove anos. Cada um com contribuições diferentes, qual por meio dos depoimentos das senhoras rezadeiras, analisamos o ritual de cura, e por meio dos demais senhores trazemos o olhar social sobre esse ritual que se faz presente na história da cidade e é perpassada por gerações.

O trabalho se organiza a partir de três capítulos que foram distribuídos traçando o caminho da análise por meio da problemática levantada. O primeiro capítulo apresenta inicialmente uma discussão historiográfica sobre a nova história cultural e a história social, expondo como essas vertentes trabalham a história cultural e dialogam com a sociedade. Para tal discussão, foi trazido enquanto base teórica os historiadores Edward Thompson e Peter Burke, onde ambos analisam a capacidade da história enquanto ciência de analisar as práticas culturais e seus rituais dentro da sociedade e perceber que existe um diálogo entre a cultura popular e a sociedade.

No segundo momento, ainda no primeiro capítulo, é exposto como a memória e a oralidade contribuem para analisar a cultura e sociedade ao tratar das manifestações populares, especificamente as rezadeiras. É analisado como a lembrança e a narração ganha espaço para análise, que percebemos não apenas o fato narrado ou lembrado, mas também como a lembrança toma forma por meios das narrações, essas que apenas os senhores entrevistados podem promover. Tendo em vista que, as pessoas entrevistadas são senhores idosos, as suas lembranças tornam-se experiências vividas, que por meio delas identificamos como as rezadeiras trabalham e como quem as procura, enxergam a sua importância para a cidade.

Posteriormente, no segundo capítulo do trabalho é abarcada uma discussão sobre as primeiras presenças das rezadeiras no Brasil e seus rituais de cura na cidade através das vozes dessas mulheres, no qual foram entrevistadas quatro senhoras, sendo elas: Nazaré, Maria Lourdes, Ivete Simplicio e a senhora Jacira, cada uma com características distintas

em suas narrações, que ao mesmo tempo possibilitou uma análise que vai desde as primeiras práticas dessas senhoras como rezadeiras, caminha por sua simbologia compreendendo sua dimensão até sua atuação por completo.

Para compreendermos a dimensão desse rito e quão característico ele se torna, recorreremos às memórias dessas senhoras, sendo analisado como elas conseguem estar presentes entre o ritual de cura, seu pluralismo religioso e sincretismo, o catolicismo local e o saber médico e circular entre esses saberes. Doravante, para compreender a dimensão desse rito, são trazidas as orações que elas proclamam, sua simbologia, para quais doenças utilizam as suas orações e quem são as pessoas que a procuram.

Também são expostos no segundo capítulo, quais táticas as senhoras rezadeiras utilizaram e utilizam em sua aprendizagem e no modo como elas lidam com os símbolos da modernidade, além de quais os caminhos que elas percorrem para a ressignificação de seu ofício enquanto rezadeira. Por último ponto de discussão deste capítulo, se apresentará não apenas a relação dessas senhoras enquanto mediadoras da oração, mas suas experiências na produção de remédios naturais e como a cultura oficial, no caso a medicina, enxerga tais ritos e como a sociedade juncoense entende essa prática.

Por fim, no terceiro e último capítulo dessa pesquisa, são postos como as pessoas da cidade percebem as rezadeiras dentro de seu grupo e se reconhecem o trabalho dessas senhoras. Diante disso, foi levado o depoimento de mais cinco pessoas, dentre eles, senhoras e senhores da cidade, como também o padre da paróquia da mesma. É partindo da memória religiosa e da memória coletiva que conseguimos estabelecer um debate de como essas pessoas colocam a rezadeira, dentre elas é percebido não apenas o reconhecimento deles, mas a sua rememoração para momentos que os mesmos foram a procura dessas senhoras em busca de suas orações.

Através dessas memórias conseguimos perceber que desde a fundação da cidade, os saberes das rezadeiras se encontram presentes, e que existe uma coletividade ao tratar de momentos específicos em que elas atuaram. Todavia, as lembranças por mais que fragmentadas revelaram essa relação da sociedade para com esse ofício, seja de respeito ou de crença. Para além dessa análise social, a voz da cultura local que possui mais hegemonia, o catolicismo também ocupa um espaço de debate entre o ofício de rezadeira e como a igreja local, por meio da voz de seu representante, se posiciona perante esse ofício e qual o diálogo que é promovido entre eles.

É caminhando entre oralidade e a memória que esta pesquisa ganha forma, no qual por meio dela, não apenas a metodologia ganhe espaço, mas o próprio lugar da rezadeira,

haja vista que seus ensinamentos e ritos são transmitidos oralmente. Olhando para o cultural e social e assim introduzindo os caminhos para problemática levantada.

1- CULTURA POPULAR, SOCIEDADE E MEMÓRIA

O universo cultural é um lugar amplo e vasto, é um meio que podemos adentrar e nos depararmos com inúmeras manifestações, entre elas, encontramos os rituais de cura das rezadeiras, especificamente as senhoras rezadeiras da cidade de Junco do Seridó PB. Todavia, para que possamos chegar ao seu ofício e especialmente compreender a sua implicância social nessa comunidade, faz-se necessário entendermos que essa prática está vinculada no que os folcloristas e antropólogos denominam como cultura popular. Entretanto, devemos analisar a amplitude dessa colocação a partir dos estudos historiográficos sobre cultura, sociedade e memória, para assim darmos caminhos ao lugar das rezadeiras.

É mediante a expansão da escrita historiográfica nos anos setenta do século passado, que se permitiu uma vasta produção sobre inúmeras temáticas que até então despertavam interesse. Pode se observar claramente ao tomarmos como fundamento a Nova história cultural, especificamente história social com Edward Thompson (1998) que atenta para esse olhar cultural, possibilitando assim, a produção de trabalhos com um novo viés historiográfico, dialogando entre cultura e sociedade.

Pensar sobre a cultura, especialmente a cultura popular no Brasil, onde se encontra inúmeras manifestações, seja na crença como até mesmo no cotidiano dos indivíduos, é na sua plenitude, compreender como essas manifestações rotuladas como “populares” possuem um lugar na sociedade, que pode se enxergar de forma circunscrita² e não apenas com um olhar de exclusão ou superioridade. Ou seja, por mais que grupos culturais que se colocam como superiores tentem excluir essas manifestações populares, eles não conseguem, pois, esses grupos são capazes de estarem presentes em vários locais da sociedade.

“Portanto temos uma dicotomia cultural, mas por outro, circularidade, influxo recíproco entre cultura subalterna e cultura hegemônica [...]” (GINZBURG. C, p 17 2010), o que se observa, é que as práticas das culturas populares não são excluídas totalmente na sociedade, elas circulam o meio social e se manifestam no cotidiano das pessoas, seja por meio da crença ou pela própria sociabilidade dos indivíduos.

²Conceito utilizado por Carlo Ginzburg na sua obra “Andarilhos do bem” (2010); remetendo-se as práticas culturais que rodeiam a sociedade de forma circular.

Tomemos como exemplo os ritos religiosos do catolicismo que dentro de sua hegemonia, possibilitam a exclusão de práticas menores, mas não impede que elas se manifestem. As rezadeiras enquanto uma cultura popular e por meio de seu ofício, também são capazes de circularem dentro de outros locais. Como coloca Quintana (1999), as rezadeiras conseguem estarem presentes no próprio catolicismo oficial, pois, é a partir dessa crença que suas orações nascem e tomam forma, como na cultura medicinal através dos saberes com ervas, e mesmo assim conseguem se identificarem enquanto cristãs e rezadeiras.

“O povo está sujeito a pressões para reformar sua cultura, segundo normas vindas de cima, a alfabetização suplantava transmissão oral e o esclarecimento ocorria dos estratos superiores aos inferiores” (Thompson E. 1998 p.17). É possível atentar-se dentro de um fator que silencia essas culturas, a própria modernização, que traz consigo mecanismos que possibilitam uma determinada mudança; tornando grupos que possuíam grandes influências como apenas uma manifestação folclórica contada ou narrada, sem darem uma análise mais ampla. Por sua vez, a cultura imposta como superior, ou a qual se torna oficial diante do olhar das camadas mais altas da sociedade, tendem a rejeitar tais manifestações definidas como populares, deixando-a apenas nesse patamar de narrações num sentido superficial.

Mediante a essas indagações, faz-se necessário compreender a dimensão do estudo sobre a cultura popular e a sociedade, haja vista que a prezada pesquisa dentro do campo cultural como estudar a rezadeira, tem por objetivo compreender as suas práticas e sua implicância social, e como seus ritos de cura através oralidade ainda possuem uma força que resiste ao tempo. Mesmo após o avanço da escrita, que possibilitou que algumas manifestações que se restringia a prática da oralidade partindo do princípio de transmitir o conhecimento adquirido de forma hereditária ou no compartilhamento de uma *memória coletiva*³, perdesse espaço. Sendo assim é possível compreender como os ritos culturais das rezadeiras resistiram e resistem no Brasil.

O historiador Peter Burke (1988), percebeu nos seus estudos sobre práticas culturais que a oralidade havia perdido espaço, para o símbolo da modernidade que chegava aos mais pobres no século XV, a escrita; a prática de leitura, dentro de uma cultura cristã que estava na sua ascensão. A leitura em suma, trouxe consigo uma perda para as manifestações que se utilizavam da oralidade como meio principal de

³ Conceito de memória coletiva, ver M. Halbwachs, A memória coletiva, Paris, PUF, 1990.

comunicação, sendo assim percebe-se que como chegar da modernidade, acarretou-se a chegada de outros grupos e outras manifestações, fazendo que grupos existentes ou determinados ofícios se silenciassem; doravante a isso, é possível observar as táticas culturais utilizadas por esses grupos que inconscientemente buscavam e buscam preservar sua memória e sua existência.

Todo ou qualquer grupo mesmo que seja pouco visto na sociedade, possui uma determinada importância. Assim, percebe-se que as práticas, ritos e costumes das rezadeiras permaneceram e surgem em um determinado contexto, no qual possibilitou que esses grupos prosperassem. Como exemplo, tomamos as festas de santos e os rituais como às simpatias que existe no interior do Brasil desde antes do século XVIII, e que manteve um convívio de ritos de sociabilidade que circulavam o cotidiano, permitindo os indivíduos que faziam parte dessa prática a crescerem em sociedade com outras representações, por vezes distintas das suas, sejam elas religiosas ou não.

As práticas e as normas se reproduzem ao longo das gerações na atmosfera lentamente diversificada nos costumes. As tradições perpetuam em grande parte mediante a transmissão oral, com seu repertório de anedotas e narrativas exemplares. Sempre que a tradição oral é suplementada pela alfabetização crescente, os produtos impressos de maior circulação, brochuras com balada populares, almanaques, panfletos, coletâneas, de últimas palavras e relatos anedóticos de crimes, tendem a se sujeitar a expectativa da cultura oral, em vez de desafiá-la com novas opções. (THOMPSON. E. 1998, p 18).

Uma característica das práticas colocadas como cultura popular, é a tradição da oralidade. São esses conjuntos que formam esses parâmetros que expõem um pensar de como a tradição oral, não se modifica diante dos novos métodos e que outras tradições utilizam manifestações no âmbito da oralidade, necessita-se acima de tudo do indivíduo e de seu interesse para passar adiante.

Todavia, a escrita e o trabalho impresso que surge como uma forma de registro, assim como a leitura, são dispositivos capazes de modificar as práticas culturais, haja vista que, até a própria expansão do mesmo se torna mais fácil, porém, mesmo com o crescimento da escrita, as práticas orais continuam e buscam meios para se manterem e serem valorizadas entre seus grupos. Vejamos nesse caso, como a cultura indígena valoriza seus ensinamentos por meio de seus anciões, da mesma forma as rezadeiras utilizam das táticas da oralidade para submeter seus ensinamentos aqueles que escutam ou desejam aprender o ofício da reza.

A cultura popular tem como característica não apenas manifestações religiosas das mais variáveis, mas também ofícios de uma determinada época, que com a perda de espaço, e com a própria evolução notável do mundo, tornaram-se práticas artesanais, e que,

todavia, mantém seu papel na civilização. São esses costumes em comum de grupos culturais que os novos estudos sobre a cultura e sociedade buscam compreender como esses aspectos são vistos; a história vista de baixo, traz essa pertinência e aponta como os grupos que por mais que sejam considerados “pequenos” não são apenas sem valorização, pelo contrário eles possuem vozes, que devem ser valorizadas e não silenciadas.

“Uma questão hoje levantada frequentemente é que o termo cultura popular, dá uma falsa impressão de homogeneidade e que seria melhor usá-la no plural ou substituí-lo por uma expressão como a cultura das classes populares” (BURKE P, p 16, 1988). Pensar o termo cultura popular nesse sentido, é pensar segundo Burke P, que não trata o termo popular diante uma concepção homogênea sem compreender as diversas manifestações presentes, mas entender que o popular nesse sentido, traz todo um conjunto de práticas, representações e crenças das mais diversificadas, que muitas vezes não é reconhecido pela cultura elitista ou cultura oficial que se põe contra as outras, essas duas culturas seja ela oficial, enquanto uma manifestação de maior repercussão, como uma colocada enquanto menor e sem força, possibilita enxergar como algumas dessas manifestações podem circular entre si.

Burke P (1988) coloca que até a definição do termo a *Nova História Cultural*, pode ser visto enquanto definição da *história sociocultural*, a cultura ligada com o social, seus costumes e sua intimidade definem um grupo seja ele pequeno ou grande, até mesmo pode-se fomentar que dentro de grupos maiores nascem ramificações que surgem dentro da necessidade do indivíduo de se sociabilizar, como também dentro da própria localidade.

É por meio dessa concepção historiográfica da cultura popular enquanto objeto de estudo cultural e social, que podemos trazer um refletir, ao recortarmos e estudarmos as ramificações cristãs que surgem no Brasil desde o antes do século XVIII. Essas ramificações cristãs em especial no catolicismo, que é onde o ofício da rezadeira se encontra, elas estão entre aquilo que se apontou até o momento como a cultura popular em que se percebe dentro não de uma visão homogênea como já foi citado, mas na realidade numa ideia heterogênea como nos traz Peter Burke (1988) e Thompson (1998), um ofício este como o de cura com suas características, que é capaz de rodear a sociedade e promover uma determinada implicância social, como a busca da cura que estes senhores e senhoras promovem.

É notável transcrever esses mecanismos dentro da história cultural, observando cuidadosamente o lugar social dessas manifestações e sua importância no cotidiano, não apenas um breve olhar sobre esses ofícios, mas o contrário, um esmiuçar para compreender

seu surgimento e os motivos de tal relevância em determinados tempos, o que permite a busca estudando a memória coletiva de quem está em seu meio, a oralidade enquanto sua ferramenta e o próprio cotidiano desses senhores para assim entender as táticas desses movimentos culturais, seja um grupo ou apenas um determinado ofício.

1.1 Oralidade e memória nos depoimentos das rezadeiras e da comunidade.

A oralidade será um dos principais meios que serão utilizados para salientar a importância sobre o diálogo entre o ofício de benzedor, que se utiliza da comunicação oral para seus ritos e ensinamentos, assim como a relevância de uma fonte ainda presente. Ou seja, o sujeito que vivenciou no lugar de protagonista essas práticas, assim como aqueles que buscavam os detentores desse ofício para atingir suas necessidades, que por sua vez, podem-se analisar as verdades por trás desse ofício e perceber sua relevância.

Pensar sobre manifestações culturais seja em grande ou pequena escala, é na sua forma mais significativa enquanto pesquisador utilizar-se dos estudos sobre os registros que uma memória seja ela coletiva, ou individual nos traz, e uma dessas características que a função do historiador nos expõe é a utilização da oralidade enquanto fonte para compreender essa memória.

Sendo um método de pesquisa, a história oral não é um fim em si mesmo, e sim um meio de conhecimento. Seu emprego só se justifica no contexto de uma investigação científica, o que pressupõe sua articulação com um projeto de pesquisa previamente decidido. Assim, antes mesmo de se pensar em história oral, é preciso haver questões, perguntas, que justifiquem o desenvolvimento de uma investigação. (VERENA. A. 2004. p 29).

A produção histórica ao se tratar da história oral, especifica como a oralidade se detém dentro do campo do conhecimento, porém, não apenas como um único viés, mas sim um método capaz de dialogar com outros campos da história, assim como a fonte escrita. Salientando em premissas que a investigação com o manuseio da oralidade, se faz possível compreender a importância e influência de indivíduos que possuem um ofício, como o de rezador em que sua ferramenta principal é a oralidade, sejam para pôr em prática seus ritos, como para promover seus ensinamentos.

A prática da tradição oral se remete precisamente no transmitir de experiências adquiridas de um determinado grupo ou de um único indivíduo partindo pelo ato de narrar suas vivências. (B. Ecléa p.85 2007) “a arte da narração não está confinada nos livros, seu

veio épico é oral. O narrador tira o que narra da própria experiência e a transforma em experiência do que escuta'', diante disso, é possível compreender como a tradição oral tem sua importância, essa característica marca uma determinada geração, grupos culturais, e a própria comunidade, em que especialmente expõe como o ensinamento através da oralidade se perpassa.

Bosis (2007) aponta nesse sentido como as vivências que o narrador transmite para ouvinte se tornam ensinamentos, mas quem são esses narradores que detém de certa experiência? Dentro desses apontamentos, se expõe os velhos⁴, senhores e senhoras de uma determinada idade, que possuem uma carga de conhecimento adquirida pelo que já foi vivido, e são dentro dessas narrações que se percebe como a memória individual torna-se coletiva dentro da prática oral.

Essas narrações são uma ferramenta que transmite uma vivência, uma experiência, mais precisamente uma memória, e dentro desses fragmentos de memória é possível reconstruir e analisar um acontecimento de um determinado período; sendo possível observar essas memórias ao compreender sobre a coletividade da mesma.

A memória, essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguarda, se integra como vimos em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimentos e fronteiras sociais entre coletividade de tamanhos diferentes: partidos, sindicatos, igrejas, aldeias, regiões, famílias, nações, etc. a referência ao passado servem para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõe a sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementaridade, mas também oposições irreduzíveis. (M. POLLAK p 07, 1989).

Perceber a dimensão do conceito de memória coletiva enquanto um reforço do sentimento de pertencimento é compreender que a própria memória é símbolo de uma identidade, quando a mesma é compartilhada por um todo, em especial um grupo em que todas essas memórias são vivenciadas como define Pollak (1989), que a memória ao ser compartilhada, passa a dar significado as experiências passadas, assim como o sentimento de pertencimento da cultura dos velhos rezadores e rezadeiras e do reconhecimento de senhores da sua comunidade, ponderando assim uma visão consciente de sua própria experiência de vida e como suas atividades foram e continuam sendo importante para uma determinada sociedade.

⁴ Conceito utilizado- EcléaBosis- História de velhos -2007, onde trabalha com o velho enquanto detentor de determinadas experiências.

Pollak (1989) observa como essa memória se encaixa com a memória individual⁵, dentro do diálogo que o mesmo promove com Maurice Halbwachs (1990), em que segundo ele, a própria memória individual não está meramente isolada, mas sim ligada ao coletivo de um grupo, haja vista que sua memória pode ser compartilhada, a fim de reconstruir ou analisar o passado vivido, buscando enquadrar essas lembranças, que nesse caso, seja da rezadeira enquanto propagadora de seu ofício, como daqueles que a procuram.

“Nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos que nos qual só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É por que, em realidade, nunca estamos sós”⁶. Doravante a esse diálogo é possível enxergar que a memória individual também está ligada ao coletivo, o que possibilita fomentar que a narração de uma memória mesmo individual, pode se enquadrar como um todo.

A prática oral é um exemplo, haja vista que por sua vez, quando um ensinamento, ou experiência única é narrada, nota-se que existem outros que testemunharam o mesmo; assim como o ensinamento transmitido por geração em grupos que preservam sua memória a partir da oralidade, não apenas um grupo vivenciou tal experiência, como ela também foi possível de circular por outras partes da sociedade, não levando ao esquecimento.

Nesse sentido, é perceptivo que a memória coletiva é substancial para assim observar a implicância da arte de cura na sociedade, mediante não apenas aos ensinamentos transmitidos, mas os resultados alcançados para as pessoas que buscavam e buscam essa prática, percebendo assim como a memória coletiva consegue agrupar um grupo e o mesmo entender a importância de sua prática.

São nesses traços de memória que se compreende como os senhores e senhoras que carregam ofício da reza preservam essa prática, ou seja, por meio da oralidade, compartilhar os saberes e experiência adquirida, se coloca não apenas como uma história aprendida, mas uma história vivida no qual se ganhou experiência com os anos, tendo assim uma valorização dessa memória. São nos senhores mais velhos que se devem aproximar-se, não apenas numa entrevista no âmbito oral, mas também com os depoimentos de vida desses senhores como defende Ecléa Bosis (2007); que diante dessas lembranças pode-se enquadrar-se dentro de um determinado contexto, esse quando atentarmos para a implicância que o ofício das senhoras rezadeiras possuem.

⁶HALBWACHS M, p 26, 1990.

Um verdadeiro teste para a hipótese psicossocial da memória encontra-se no estudo das lembranças das pessoas idosas. Nelas é possível verificar uma história social bem desenvolvida: elas já atravessaram um determinado tipo de sociedade, com características bem marcadas e conhecidas; elas já viveram quadros de referência familiar e culturais igualmente reconhecíveis: enfim, sua memória atual pode ser desenhada sobre um pano de fundo mais definido do que a memória de uma pessoa jovem, ou mesmo adulta, que de algum modo, ainda está absorvida nas lutas e contradições de um presente que a solicita muito mais intensamente do que uma pessoa de idade. (BOSIS.E, p 60, 2007).

Assim cabe pensar o “velho” não como uma representação de um atraso social, um indivíduo incapaz de se modernizar, mas pelo contrário, os mesmos são capazes de adaptar-se ao seu novo meio; são nas suas experiências entre senhores e senhoras acima de 60 anos de idade que podemos nos deter a uma determinada época e compreendê-la a partir de suas lembranças.

Bosis E (2007) aponta que, diferentemente do jovem ou adulto, os senhores estão mais ligados a vivências, como no caso das benzedeadas que estão ligadas a práticas culturais do passado, e projetam-na no tempo presente, com suas experiências e ensinamentos, são os velhos que dentro dos grupos culturais detêm saberes e são reconhecidos nesse sentido, doravante a isso se distancia da concepção que se construiu os velhos enquanto impossibilitados de atuar em algumas atividades, como também, não trazer o mesmo enquanto símbolo do esquecimento, mas enquanto guardiões de uma memória, tanto individual e especialmente coletiva, por ter experiência sobre o que ele vivenciou no seu meio social e sobre o que vivencia ainda nos dias atuais, quando observamos assim as velhas rezadeiras, que mesmo com sua idade avançada, ainda estão na ativa em sua prática de reza.

A lembrança nesse contexto não é colocada como apenas um relato, são nessas lembranças dos senhores que introduziram esse ofício, assim como os senhores que buscavam a cura por meio dos rezadores, que podemos assim nos atentar a implicância deste ofício, compreendendo como se perpetua até nos dias atuais. “Guiar-se pelas narrativas dessas experientes benzedeadas é permitir-se e fascinar-se pelo que há de mais rico entre elas, as lembranças que guardam com detalhes e conhecimentos que para muitos podem ser apenas feitos, mas para elas são histórias de uma vida” (SOUZA J. p11, 2018).

A memória entre o que se denomina como “velho” passa ser um vestígio detalhado sobre suas sapiências do passado, partilhar esses depoimentos permite compreender como tal ofício se construiu no seu tempo e qual sua contribuição para com a sociedade em que se pode observar, seja nos depoimentos das velhas rezadeiras que

atuavam na prática de cura, como nos depoimentos dos senhores que buscavam as práticas deste ofício.

Entre o ouvinte e o narrador nasce uma relação baseada no interesse comum em conservar o narrado que deve poder ser reproduzido. A memória é a faculdade épica por excelência. Não se pode perder, no deserto dos tempos, uma só gota da água irisada que, nômades, passamos dos côncavos de uma para outra mão. A história deve reproduzir-se de geração a geração, gerar muitas outras, cujos fios se cruzem, prolongando o original, puxados por outros dedos. (E. BOSIS, p 60, 2007).

São nos depoimentos que se observa a relação do passado com quem está narrando suas experiências, poder dialogar com o receptor, ou seja, com o ouvinte, tal vivência e prática ao ser narrada se prolongam, se resguardam em outras lembranças, tornando-a exemplo para outro, assim é possível atentar que história se faz também através da oralidade, é essa lembrança que ao ser perpassada, simboliza a identidade de um povo, ela revela a cultura de um povo, percebendo assim que as lembranças, essas de senhoras detentoras de seu ofício é cabível de análise.

O passado conserva-se e, além de conservar-se, ata no presente, mas não de forma homogênea. De um lado, o corpo guarda esquemas de comportamento de que se vale muitas vezes automaticamente na sua ação sobre as coisas: trata-se da memória-hábito, memória dos mecanismos de motores. De outro lado, ocorrem lembranças independentes de quaisquer hábitos: lembranças isoladas, singulares, que constituem autênticas ressurreições do passado. (BOSIS. E, p 48, 2007).

Assim, revela-se como uma memória passada pode atuar no presente, a independência dela, permitindo o diálogo com o hoje, diante disso fundamenta-se a importância de situar a lembrança dos “velhos” nesses ditos depoimentos, que diferente de uma criança com sua imaturidade ou de um adulto nas suas correrias, são nesses senhores que guardam suas lembranças, permitindo assim nos debruçarmos diante de suas narrações em que reforça ao tomarmos a intenção dessa pesquisa que discorre sobre o ofício de rezadeira, e que busca analisar tal pertinência a cidade Junco do Seridó PB, além de como essas lembranças nos possibilita atentar a implicância social do ofício de reza nessa localidade, onde se discorrerá mais adiante.

Doravante ao levantado, cabe pensar quem são essas benzedeadas que praticam o ofício da reza, ou ofício de cura, e expõe suas lembranças e ensinamentos através de seu compartilhamento de hábitos, a prática ainda presente que resiste aos poucos, se compreende dentro dessas memórias, em que segundo Bosis E. (2007), são nessas manifestações culturais que se atenta um olhar sobre memória e sociedade mediante as representações simbólicas desse ofício, assim perceberá como as benzedeadas juncoenses possuem um papel na sua comunidade.

2- O RITUAL DE CURA NAS VOZES DAS REZADEIRAS JUNCOENSES

Quando escutamos falar sobre pessoas que buscam uma rezadeira ou um benzedor para curar tal mazela, seja ele do corpo ou do espírito, inconscientemente assimilamos sempre a figura de senhoras que com ramos na mão, manuseando determinados movimentos e proclamando algumas palavras, trazem uma determinada cura. Porém, pouco se pensa sobre quem são essas senhoras e senhores, onde aprenderam os ritos que utilizam até os dias de hoje e como conquistaram a confiança em suas comunidades. Tais questionamentos permitem que pensemos sobre esse ritual de reza que faz parte das memórias dos detentores desse ofício.

É na intimidade da prática de cura e do seu ritual⁷ que as rezadeiras enquanto um ofício da cultura popular toma lugar, seus gestos, símbolos e práticas são conjuntos que caracterizam o ofício dessas senhoras, nos quais partindo de suas memórias é visível perceber como essas manifestações adentram no cotidiano das comunidades que eles fazem parte.

A partir desse ritual podemos perceber que as benzedoras reafirmam sua identidade, ele as caracteriza enquanto sujeito, e dá sentido ao lugar delas enquanto rezadeira. Como mostra SALES M. (2007), ao tratar sobre esse ritual, percebe-se que em sua maioria, as detentoras desses saberes por mais que sejam ensinados a elas, seu ofício advém de um dom divino, ou seja, suas práticas de cura partem da relação entre a rezadeira e sua intimidade com o sagrado. Assim, cabe pensar o ritual de cura que as rezadeiras ministram como uma extensão de sua ligação com o sagrado e com a sociedade, pois elas servem como intermediárias entre a prática de cura e a crença que o sujeito que a procura possui.

É nesse olhar que se observa como esses senhores e senhoras dão sentido a suas atividades e ganham reconhecimento, haja vista que mediante a essa crença, cuja se enraíza com o sagrado cristão, aqueles que o reconhecem enquanto sábios com relação à cura, possuem uma relação de fé para com eles. SALES M (2007) descreve que esses ritos de cura ao tratar das benzedoras podem ser vistos diante de duas características:

As formas utilizadas pelas rezadeiras apresentam basicamente dois caracteres: as orações de proteção e de intuito curativo [...] Dentro do grupo terapêutico temos as rezas que destinam o caráter de cura diretamente a entidade religiosa e as que

⁷ Ver conceito de ritual utilizado na obra: THOMPSON, E, As peculiaridades dos ingleses e outros artigos, Campinas Edunicamp,2010.

revelam a figura da rezadeira como intermediária para o fim dos males e as palavras sem apelo católico declarado. (SALES M. p 268, 2007).

Entre os rituais de cura da rezadeira, observa-se como uma manifestação da cultura popular, vincula-se no cotidiano das pessoas, seja pela busca de uma determinada cura, ou proteção sobre suas vidas e ações. A figura da rezadeira enquanto guardiã desses saberes, possibilita compreender como seu respeito é adquirido, dentre eles a utilização de alguns símbolos como as representações das imagens dos santos católicos e as suas orações cristãs mesmo sem o apelo ritualístico, seja de vestimentas ou celebrações que se faz presente nos rituais do catolicismo oficial, são utilizadas por elas enquanto ferramenta de seu ritual, reforçando a visão que, por mais que não seja uma tradição do catolicismo tradicional, elas conseguem rodear essa crença e ressignificar seu ofício.

Essa prática de cura das benzedoras possui resquícios do cristianismo, como o catolicismo rústico que se faz presente no Brasil, especialmente nas regiões rurais do interior do país, como coloca Teixeira D. (1997), as tradições de um catolicismo mais popular rodeiam nossa sociedade. Assim, é possível abarcar que desde antes do século XVIII, as tradições populares no Brasil, especialmente do catolicismo rústico no qual as rezadeiras/benzedoras se incluem, estão presentes em nossa sociedade trazendo uma significação para sua prática.

No tocar da tradição cristã tradicional que está dentro dos ritos e preceitos legais da igreja romana nos chama atenção pois, de certa forma, a igreja restringia essas práticas, todavia a necessidade de manter uma relação com o sagrado desde o período colonial faz-se necessário que os fiéis praticassem suas orações no seu âmbito privado, haja vista que, nos primeiros anos coloniais a presença de párocos, especialmente nas regiões interioranas era de difícil acesso. Mott (1997) analisa essa intimidade com o sagrado e o fiel ao observar como essa falta de líderes religiosos possibilitou o surgimento de indivíduos que possuísem determinados conhecimentos sobre orações, além de ritos de cura que advém desse sincretismo religioso.

Mott (1997) em sua pesquisa consegue encontrar indícios dessa prática de reza na região Nordeste ainda em meados de 1700, que por sua vez justifica essa relação cotidiana do colono, escravo e até mesmo indígena com o sagrado.

Eram variadas as práticas e a expertise desses humildes heterodoxos do agreste de Pernambuco, residentes nos engenhos do Anjo, Sibiró, Palma, Cavalcante, Caité, e Ipojuca: João Preto, escravo, benzina panos de estancar sangue das feridas; os pardos Faustina e João Dias faziam quimbandos, enquanto Joana, também parda, mais forra, benzina quebranto, olhado, carne-quebrada, ventre caído e bicheiro [...] (MOTT. L, p194, 1997).

Podemos perceber que a reza e seu ritual, por mais que caminhe no meio do catolicismo rústico, desempenha desde esse período um papel importante para as comunidades que as benzedeadas atuam. Sua intimidade com o sagrado possibilitou aqueles que não tinham acesso aos ritos cristãos oficiais, a buscarem conforto por meio de seus rituais de cura. A prática da reza e seu ritual de benzedeadão que se entende enquanto um ato de benzedeadamento, possui uma relação entre o sagrado e o terreno, pois, a partir dos benzedeadores que atuavam desde a colonização, se manteve a relação íntima entre esse ofício da rezadeira e o sagrado do catolicismo oficial, especialmente nessas regiões interioranas, trazendo assim um reconhecimento do ofício da reza nos locais no qual esses senhores e senhoras atuavam.

O ritual da reza quando atentamos para ele, percebemos as orações mais variadas possíveis, e notamos como elas são voltadas especialmente para problemas cotidianos, como o mau olhado, que causa cansaço no outro e é visto como uma mazela causada através de olhares negativos que as pessoas fazem sobre o outro. Aqueles que acreditam firmemente nesse mal, sempre procuram a benzedeadora, pois consideram elas o intermédio para cuidar de todos os males do corpo, como também os do espírito.

Assim, visualizamos oração das rezadeiras enquanto meio de cura, não apenas como algo privado, mas também coletivo, haja vista que seu objetivo é trazer a cura de uma determinada mazela. Essa mazela ou doença, não é enxergada como uma característica distinta da sociedade, pelo contrário, a doença está totalmente interligada no meio social, e a partir dela a rezadeira consegue atuar enquanto meio de cura. “Sendo, pois, o corpo uma construção social, as doenças que nele se manifestam, assim como as terapêuticas destinadas a combatê-las, nunca são meramente individuais, elas também levam a marca do social”⁸, com o olhar para o meio sociocultural conseguimos analisar que através da doença a rezadeira consegue valorizar sua identidade, ou seja, não há apenas uma visão religiosa que valoriza suas ações, mas as relações sociais que o ritual promove entre o enfermo e a benzedeadora também ressignificam sua importância.

Nesse contexto, a doença deve ser enxergada como uma característica comum entre a sociedade, ela é posta segundo QUINTANA (1999), como sinônimo de desordem social e como meio de ordenar essa desordem além da ciência medicinal, está às benzedeadas, que como já foi colocado, se vincula entres relações sociais. Se de um lado elas possuem uma

⁸QUINTANA A, p 45, 1999.

ligação do enfermo com sua religiosidade, por outro, também é vista enquanto uma médica natural que tem por função principal cuidar e tratar da doença.

Se a doença é caracterizada pela desordem, falta de significação, a cura, por sua vez, vai procurar uma reordenação, uma ressignificação. Esta não poderá ser obtida remetendo-se a doença meramente a uma causa determinada, é necessário que seus sintomas sejam articulados a um todo, a um sistema de significações. (QUINTANA A, p 46, 1999)

Enxergando a doença enquanto desordem social, é visível que se compreenda a necessidade de buscar essa cura, e ela parte por meios de significações, para assim entender sua causa. Tratando do enfermo que procura a benzedeira, assimilamos então que a causa de sua enfermidade pode ser enxergada através de um saber religioso, ou de uma crença popular, pois é através dessa construção social que o mesmo tem sobre a relevância desses ofício que há uma indigência para esse ritual de cura, a fim de trazer harmonia para o seu meio.

Desde o período colonial no Brasil os mais humildes, os escravos e os negros forros buscavam as rezadeiras como rota de salvação para sua cura, nesse momento em especial, nem o saber medicinal e o religioso se importavam com essa classe, fazendo-os voltarem para as manifestações populares. Cabe salientar que, aqueles que detinham grande crença no catolicismo, especialmente as camadas populares da sociedade, também buscavam os saberes da rezadeira para seu bem, tendo em vista que os mesmos os consideram como figuras de fé e acreditavam que algumas doenças só se curavam por intermédio da oração.

Deparando-se com este ofício e voltando-se para esse período, é visível perceber que ofício da rezadeira, possui uma determinada importância dentro das localidades que atuam, e por meio de suas orações e narrações elas conseguem perpassar seus ensinamentos para as novas gerações, buscando táticas para que seu ofício não perca sua influência e permaneça resistindo.

Num primeiro momento, pode-se pensar que a benzedura seja um resíduo de tempos passados, como uma grande fortaleza que deixou de ser utilizada e se encontra entregue ao tempo para sua total destruição. Longe disso, a benzedura é um entre outros sistemas de cura que são utilizados pelos grupos populares. O que podemos afirmar é que essa prática (assim como toda prática social) vem sofrendo uma série de modificações. (QUINTANA A, p 45, 1999).

Essa prática vem se modificando ao longo do tempo, ressalva-se que para além dessa modificação, o próprio ritual continua forte. E por mais que a modernidade traga mecanismos para resoluções de problemas como o avanço medicinal, a prática de cura ainda continua e só consegue se permanecer nessa contemporaneidade do século XX ao

século XXI, através de sua prática oral e de seus ensinamentos às novas gerações, que continuaram a seguirem essas tradições populares.

O ofício da reza enquanto manifestação popular, dentro do que compreendemos a vastidão do que vem ser popular, nos convida a perceber que essas tradições possuem ritos importantes e, por mais que estejam no âmbito de estudos folclóricos, quando introduzimos essa prática como objeto histórico, conseguimos entender que a cultura popular circula nossa sociedade e está presente no cotidiano. Sendo assim, cabe olhar para o ofício de rezadeira/benzedeira como uma tradição cabível dessa análise, e que sua reza, objeto principal de seu trabalho, possui papel fundamental para entendermos da dimensão da sua prática cultural.

Como já colocado, as rezadeiras se concentram principalmente na zona rural e nas cidades interioranas do Nordeste. Partindo desse pressuposto e aguçando nosso olhar para região Nordeste e mais precisamente no estado da Paraíba, conseguimos identificar a presença desses ofício em várias cidades da região, através de pesquisas que tratam sobre a atuação dessas senhoras em algumas cidades ou na zona rural da Paraíba, é notável que a manifestação da rezadeira é discutido dentro e fora da academia em diversos contextos.

Em especial, trazemos agora enquanto eixo para essa discussão, as práticas de cura que se fazem presente na cidade de Junco do Seridó situada na região metropolitana de Patos, lugar onde o ofício da rezadeira e seu ritual estão ativamente fortes, através das vozes de quatro senhoras que atuam na cidade.

É essa atuação da benzedeira e rezadeira, especialmente as mulheres que detém grande parte desse aprendizado nas cidades, que se fazem presentes e que podemos destacar uma das mudanças que elas passam, sua prática sai do âmbito rural e das imposições da cultura oficial, e ganha espaço no urbano, sua presença torna-se essencial para aqueles que reconhecem seus saberes, não apenas em áreas rurais, mas agora na cidade.

Olhando seus rituais como objeto que interliga o ofício da rezadeira juntamente com a sociedade, percebemos que para analisar cuidadosamente esse ritual, é importante dar voz às protagonistas desse ofício, e como na comunidade de Junco do Seridó essas senhoras desempenham um papel de suma importância para o bem social, desde sua fundação em 1961, é visível enxergar tal implicância e discutir esse ritual. Portanto, mediante os depoimentos que serão abordados, podemos adentrar na construção da prática de cura a sua significância e como essas senhoras se identificam enquanto rezadeiras.

Esses, pois, são questionamentos que rodeiam o ofício da rezadeira em torno dessa pesquisa.

2.1 “O que cura a gente é a reza”: Dona Nazaré

É partindo desse esmiuçar cuidadoso para a cidade de Junco do Seridó na Paraíba, que nos deparamos com a forte presença da prática de cura das benzedeadas e rezadeiras, e através das memórias que partem dos depoimentos dessas senhoras, podemos então identificar o ritual de cura enquanto prática e a dimensão da importância do ofício de rezadeira nessa cidade.

Para além dessas inquietações é cabível destacar que a benzedeadada e a rezadeira possuem definições distintas para alguns estudiosos, aos olhos de Quintana (1999) a benzedeadada é aquela que age como intermediária entre o enfermo e o benzedor, o rezador por outro lado é apontado como aquele que se utiliza das orações do catolicismo oficial para agir contra a enfermidade, todavia, para outros pesquisadores como Theotônio (2010) ambos os termos podem definir o ofício dos mediadores que agem contra a doença através de orações ou produções de remédios. Dito isto, é visível que ambos os termos podem ser utilizados para definição do ofício dessas senhoras, haja vista que as senhoras aqui expostas se reconhecem como benzedeadadas e rezadeiras.

Entre as senhoras que dão vozes para esse estudo trazemos em primeiro momento à senhora Maria Nazaré dos Santos de sessenta e oito anos, popularmente conhecida como Dona Nazaré, filha natural da cidade de Lagoa Grande, mas desde seus dez anos de idade que reside no Junco do Seridó. Ela por sua vez, nos expõe suas lembranças e relata sobre seu cotidiano enquanto rezadeira. Diante das memórias que ela nos relata, percebemos como esse ritual se vincula com a sociedade, haja vista que a reza enquanto meio de cura é visto como uma ordenação social. Torna-se visível a importância desse ritual quando perguntamos a ela com quantos anos ela começou a rezar e a mesma relata que:

Eu sou média de nascença, eu comecei a rezar eu tinha dez anos de idade, hoje estou com sessenta e seis anos. Mas minha reza é diferente, eu rezo de olhado, de sol na cabeça, eu rezo de ventre caído na criança, de força de dente, de aranha. Pois é minha reza é diferente, todo mundo diz, o povo tem muita fé na minha reza, e que cura a gente é a reza.⁹

⁹ Depoimento concedido por Maria Nazaré dos Santos no dia 24 de Maio de 2019.

Ao nos depararmos em primeiro momento com o depoimento de Dona Nazaré, observamos como a reza é um meio importante para aqueles que possuem crença nesse ritual, em especial, chamo atenção para como os tipos de reza no qual ela citou se vincula diretamente com os problemas do cotidiano das pessoas dessa cidade. Assim como QUINTANA (1999) coloca a doença como um símbolo de desordem social, a cura tem por meio da reza a função de reorganizar esse local, ou seja, o corpo enfermo, que apenas o ofício da rezadeira consegue organizar, isso, segundo aqueles que possuem crença nessa prática. Ela enquanto uma dessas detentoras do saber explica bem sua função dizendo:

Rezadeira é rezadeira, já vem dizendo, eu rezo de olhado e quebrante botaram, com dois botaram e com três eu tiro, como poder de Deus pai, com o poder de Deus filho, e Deus espírito santo, amém. Se botarem na tua gordura, na tua comida, na tua esperteza, e na dormida, na boniteza, no teu olhar, no bem querer e assim gente reza com o raminho tirando a doença em cima de você.¹⁰

Segundo Nazaré, a função da rezadeira se define apenas em rezar, porém é por meio de seu depoimento que conseguimos identificar como esse ritual está interligado com a relação social dos indivíduos que a procuram. Abarcando essa relação com reza, a rezadeira e o portador da doença, é possível enxergar essa relação, quando nos deparamos com as orações que se volta para o cotidiano do portador da doença. Ou seja, a desordem que a doença traz não afeta apenas o corpo, mas o cotidiano desse sujeito, especificamente os sujeitos do local que elas atuam, pois em cada contexto a oração diferencia-se de acordo com as necessidades da comunidade.

“Essa prática de cura se completa apenas com a junção de três elementos essenciais: a rezadeira, aquele que é rezado e a palavra portadora da cura. Ainda que a reza utilize outros elementos como a água ou o ramo, a palavra é o centro da prática”¹¹. É por meio da narração e da oralidade que a reza se concretiza e por meios das palavras proclamadas, que esse ritual ganha forma e assim fundamenta-se como esse ofício resiste e não perde sua importância onde atua, pois, é através das palavras propagadas pelas rezadeiras, que o portador da doença recebe a cura. Cabe destacar que, a oralidade não é apenas o meio de trazer a cura, como é por meio dele que elas conseguem compartilhar seus saberes.

¹⁰ Depoimento concedido por Maria Nazaré dos Santos no dia 24 de Maio de 2019.

¹¹THEOTONIO A, p 34, 2010.

Dona Nazaré relata que mesmo sem aprender ler e escrever, quando ela começa a rezar a mesma lembra-se das orações, pois segundo ela esse ofício é um dom dado por Deus. Ou seja, para além desses três elementos que THEOTONIO (2010) coloca, é visível que a rezadeira enquanto mediadora da cura através de suas orações possui uma relação de fé, especialmente com o sagrado cristão. Maristela (2009) chama atenção para essa colocação por meio do viés sincrético, qual segundo ela, esse conceito se organiza para entender como alguns ritos e tradições se fundem em alguns espaços da igreja católica. Atentamos a essa questão quando perguntamos a Dona Nazaré se ela é católica e como ela aprendeu a rezar, ela nos diz:

Sim, eu sou da Igreja sim.

Eu sou católica, assisto muito pelo rádio, mas a mulher da igreja vem rezar aqui e eu rezo mais elas, as senhoras vêm e fazem as novenas.¹²

A gente reza com fé em Deus, e os Guia de Luz, eu recomendo a Deus a sua vida, temos que se pegar com Deus. Sou devota do Divino Espírito Santo, Iemanjá e São Francisco das Chagas.¹³

Eu sei as reza mesmo sem saber ler, meus guia ensinou, ai eu não posso ensinar a mulher não, mas a homem eu posso, você diz assim: sonho em Nossa Senhora, um grande pranto nasceu, cravado de oliveira, onde Jesus Cristo encostou, acorda São Gabriel, ponha a mão no premo, vigia essa virgem Maria, se dorme, se vive, se vigia. Oh meu amado filho, eu nem durmo, nem vivo, nem me vigio, só assim eu sonhei. Eu vi um revorosso sonho, vi o lindo cravo rebater, a corda arrochar, a lua gemer, sol suspirar, quem essa oração rezar, e o ano continuar, desse mundo serei rei, e outro recruado, que eu vi, quem não aprender, de juízo a de se arrepender, quem souber e não ensinar, dia do juízo se arrependerá. Teu dom é Jesus da vida, é o pai do teu coração, acusai teus pecados e saí de onde eles são, com trinta arrependimentos, sentindo dor no coração, pela vossa morte paixão, amém.¹⁴

A partir da ótica desse depoimento é possível analisar o ofício de Dona Nazaré em dois momentos, o seu pluralismo religioso e sua relação com o sagrado cristão, além do seu ritual de iniciação enquanto rezadeira.

Essa forte presença sincrética no ritual da senhora Nazaré, não está apenas voltada especificamente aos ritos do catolicismo por mais que ela se considere cristã católica e que seu rito pareça ser hegemônico com relação ao catolicismo, existem outras tradições presentes no ritual de cura da rezadeira, herdado através desse pluralismo religioso presente no Brasil. Tornando-o perceptível não apenas o sincretismo, mas como esse contato com outras religiões acrescenta a vivência e experiência religiosa da rezadeira citada, que segundo Eliade (1992) é o que fundamenta o rito, essa vivência íntima do

¹² Depoimento concedido por Maria Nazaré dos Santos no dia 24 de Maio de 2019.

¹³ Depoimento concedido por Maria Nazaré dos Santos no dia 24 de Maio de 2019.

¹⁴ Depoimento concedido por Maria Nazaré dos Santos no dia 24 de Maio de 2019.

sagrado, permite que seus crentes tenham essa relação entre o sagrado e o possibilita, no caso da rezadeira, adquirir essas experiências e adotar dentro de sua prática.

“O pluralismo religioso ainda que tenha conhecido tensões favoreceu novos ciclos de troca com assimilação de novas crenças e ritos, ampliando o processo de sincretização”¹⁵. Neste sentido, o lugar dessas senhoras também passa por essas modificações, tal é, que o próprio relato de Dona Nazaré explicita esse pluralismo ao relatar que ela propaga suas orações com Deus e os Guias de luz. O Deus que ela ressalva é entendido como o Deus cristão, porém seu Guia de luz está presente em outras tradições religiosas como no espiritismo Kardecista, representando uma entidade que visa proteger e aconselhar esses indivíduos que possui ligações místicas com suas crenças, bem como algumas de suas simbologias, como a utilização de plantas assemelhando-se ao xamanismo.

O relato ainda nos revela um pouco mais sobre a presença sincrética em seu ofício, ao ponderar sobre sua devoção por meio de símbolos sagrados, Dona Nazaré mesmo sem perceber diz ser devota de Iemanjá e a considera como uma das representações do catolicismo. Segundo MOTT (1997), a figura dessa divindade faz parte das tradições das religiões de matrizes africanas que ainda no período colonial, fundiu-se aos símbolos do catolicismo como forma de disfarçar a presença de outros cultos na colônia que não era voltado para os ritos cristãos dos colonos, o que se tornou comum assimilar a figura de Iemanjá com as representações de santos do catolicismo oficial e justifica o porquê, de Dona Nazaré fazer tal assimilação.

Mesmo com essa forte presença sincrética no ritual das rezadeiras, quando tratamos sobre a relação com o sagrado cristão, é perceptível que Dona Nazaré bem como as demais senhoras que serão abordadas, se identificam como rezadeira e como uma cristã católica. Tal afirmação pode ser enxergada através do viés Ginzburguiano que trata como as manifestações populares podem estar presentes em culturas oficiais e circular entre elas.

Assim, podemos perceber que a rezadeira enquanto um ofício popular consegue circular através do catolicismo e ao mesmo tempo se reconhecer como benzedeira. A mesma ressalva que é rezadeira, mas é católica e devota de alguns santos, e que algumas novenas são ministradas em sua casa, ou seja, essa circularidade está presente entre as rezadeiras, o catolicismo local e as pessoas da sociedade que reconhece a importância desses ofícios.

¹⁵ ANDRADE, Maristela, p 109. 2009.

Essa circularidade cultural¹⁶ não está presente apenas no seu reconhecimento enquanto católica, mas também em seu ritual de cura. É por meio de suas orações enquanto benzedeira que podemos reparar que todo o ritual é invocado nomes de Santos católicos, como também se pede a benção ao Deus cristão; seu ritual consegue permear o local entre o sagrado cristão e a doença enquanto desordem social, ou seja, a benzedeira circula entre esse conjunto, do sagrado com o popular e o social e reconhece seu ofício.

Em um segundo momento, identificamos em torno de sua fala o ritual de iniciação para aqueles que possuem esse dom. Como já citado, a rezadeira aprende seu ofício através de dois momentos, quando ela é ensinada por outro rezador, ou quando ela desperta seu dom através alguma revelação para com o sagrado, ressaltando que cada uma dessas senhoras se dá início de forma específica, cada uma com métodos ou revelações que partem de sua experiência individual e única. No caso de Dona Nazaré que desde cedo despertou essa crença, a mesma citou no depoimento acima, que mesmo sem saber ler, os guias de luz a ensinou. Segundo QUINTANA (1999), esses anjos de luz ou guia como é exposto aqui, trata da revelação com sagrado para a rezadeira, são esses guias que no caso de Dona Nazaré tornaram ela uma benzedeira.

Por mais que ela tenha aprendido através dessa relação com o sagrado, a mesma diz que não pode ensinar a qualquer pessoa, ela enquanto mulher e rezadeira só podem ensinar a homens, pois segundo ela deve haver essa restrição, passar seu ensinamento a outra mulher, significaria a perda de seu ofício. Da mesma forma, o homem enquanto rezador, deve ensinar apenas a mulher. Dito isso, percebe-se que o primeiro ato da iniciação de um indivíduo que deseja se torna um benzedor, é a oração que Dona Nazaré traz, que segundo ela através dessa oração o indivíduo pode despertar seu dom e aprender a arte e o ofício de cura.

“Não se trata aqui de uma escolha, de uma opção, mas sim de uma imposição, de uma obrigação que a benzedeira deve cumprir”¹⁷. Partindo dessa colocação para entender o ritual de iniciação da rezadeira, é visível que, quando esse ofício parte de uma revelação ou de um ensinamento, a benzedeira tem por sua vez atender sempre a sociedade e não cobrar valores em troca. Sobre essa questão, quando é perguntada sobre o que ela recebe em troca, Dona Nazaré responde:

¹⁶Ver Carlo Ginzburg “Andarilhos do bem” (2010), conceito utilizado pelo autor.

¹⁷QUINTANA, p 86, 1999.

Eu não rezo por interesse, não tenho fé nesse povo que cobra para rezar. O povo traz coisas pra mim, galinha, carne e eu dizemos: não me dê nada em intenção da reza não, por que Deus não deixou a gente pra cobrar nada em troca não. Povo liga pra mim, pronto! Esses dias mesmo Seu Geraldo de Salgadinho ligou pra mim, para eu rezar nele, e na volta me traria uma galinha pra mim, eu rezei e disse que não trouxesse nada, porque a gente não pode cobrar nada não, nós reza, mas o poder da cura é de Deus.¹⁸

O simples ato de trazer recompensas, mesmo sem ela cobrar algo em troca, pode ser enxergada como o reconhecimento de seu lugar enquanto rezadeira e sua importância para os enfermos que a procuram. Seu ofício, por mais que não possua um apreço financeiro, é perceptível que seu ritual permeia a sociedade e causa fortes implicações dentro do sentido caridoso.

Por meio das lembranças de Dona Nazaré enquanto detentora desse saber, notamos que por mais que a idade a aflija, a mesma ganha em seu local um reconhecimento e uma valorização de seu lugar, todavia a mesma não se considera como um indivíduo capaz de curar, ela enxerga seu saber como uma forma de mediação entre a cura que advém de sua relação com o sagrado para com o enfermo.

Tentar compreender através das memórias de Dona Nazaré como o ritual da cura pode circular entre o sagrado e a sociedade em que as benzedeadas atuam, é na sua soma, expor como o quão característico se torna o ofício de rezadeira, que não apenas caminham por esse campo, como também nos saberes medicinais e questões da natureza. Tais questões podem ser vistas quando tomamos como análise os depoimentos da senhora Lourdes de Zé Soares, outra benzedeadas atuante na cidade que desempenha um papel fundamental para esta localidade.

2.2 “Eu ouvia e fui aprendendo” Lourdes Zé Soares

Entre os estudos sobre esse ritual de cura, notou-se que não apenas a rezadeira nasce ou desperta esse dom como Dona Nazaré, ela também pode ser ensinada sobre esse ofício. Dando forma ao depoimento de outra benzedeadas da cidade, encontramos a partir dos relatos de Lourdes de Zé Soares a sua aprendizagem enquanto benzedeadas, a mesma expõe que aprendeu suas orações com seu pai, e depois despertou ainda mais seu ofício após a morte de seu filho, quando perguntada sobre seu início como rezadeira ela nos descreve dizendo:

¹⁸ Depoimento concedido por Maria Nazaré dos Santos no dia 24 de maio de 2019.

Eu comecei assim, com uns quinze anos, por que assim, o meu pai rezava e eu ouvia e fui aprendendo, e fui rezando e ele me ensinando, aí eu aprendi muitas e muitas orações, e outras aprendi depois que meu filho morreu. Depois que meu menino morreu, eu sonhei com ele vinte e cinco vezes e todas as vinte e cinco vezes ele me dizia coisas que só posso dizer a Deus.¹⁹

Dona Maria de Lourdes dos Santos, ou Lourdes de Zé Soares, como é popularmente conhecida, está com setenta e cinco anos de idade, diferentemente de Dona Nazaré, seu ofício foi despertado a partir dos ensinamentos de seu pai e após a morte de seu filho. Por meio de sua memória, ela recorda que ouvia seu pai proclamando as orações e assim conseguiu aprender. A oralidade e a palavra nesse sentido ganham um espaço notável, pois através das narrações de seu pai, em meio ao ritual de cura, ela conseguiu prosseguir seus ensinamentos. O que chama atenção nesse relato é como conseguimos identificar novamente essa relação com o sagrado cristão por meio de sonho visão que ela tem de seu filho no qual nesses sonhos ele o ensinava.

Nesse seguimento que gira em torno desse misticismo, abrange-se a dimensão da relevância desse ofício conseguir rodear entre as camadas populares e possuir características religiosas de outras tradições religiosas, principalmente do catolicismo, é uma semelhança que ambas as senhoras rezadeiras citadas possuem. Todavia, conseguimos atentar para outros aspectos que gira em torno desse ofício, as táticas culturais²⁰ que elas promovem para assim continuarem com suas práticas.

“Quando falamos também no repasse dessas rezas, outro elemento importante para uma eficaz memorização, mesmo considerando as perdas dos trechos ou acréscimos, como uma espécie de adaptação regional, são as rimas, que propiciam certa musicalidade as orações quando proferidas pelos rezadores”²¹. Tais táticas podem ser vista por meio da memorização das orações, haja vista que seu viés e seu principal objeto é a palavra, o ensinamento como Dona Lourdes nos mostra parte da narração e da memorização da palavra para propagar o ritual de cura.

Sabe o que é tomação da palavra? É quando uma pessoa leva um corte e perde muito sangue, aí a gente reza e passa. Rezo de cobra também, meu pai me ensinou, se diz assim: São Bento Patriarca, São Francisco do altar, o veneno dessa serpente não é de te fazer má, e oferece a Jesus.²²

¹⁹ Depoimento concedido por Maria de Lourdes dos Santos no dia 30 de maio de 2019.

²⁰ Ver CERTAU, Michel de. A invenção do cotidiano: artes de fazer. 3º Ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

²¹ SALES M, p 270, 2007.

²² Depoimento concedido por Maria de Lourdes dos Santos no dia 30 de Maio de 2019.

De apagar fogo a gente diz assim: valhe-me Jesus, a flor em que nasceu a hóstia consagrada, a cruz em que morreu, Jesus andou a nado, a nado andou Jesus, socorrei-me pelo aborto, valhei-me senhor Jesus, faz correr toda água desse mar para esse fogo apagar, assim como correu leite do peito de vossa mãe Maria Santíssima, ara a boca do senhor, amém²³.

Maria de Lourdes recita essas orações em torno de seu relato e ambas as orações possuem essa musicalidade que SALES (2007) descreve, não apenas os versos se encaixam, mas a narração que é proferida na oração se interliga com o contexto que exigiu dessa prática. De um lado temos a musicalidade, como meio para facilitar a memorização da reza, e do outro, vemos como o ritual é cotidianamente voltado para o contexto cultural que exige essa função. É a narração da oração que age como tática para esse ofício permanecer ativamente ligado com essa comunidade, e através desse conjunto, não apenas a aprendizagem se torna mais fácil, como o portador da enfermidade ao ouvir a oração consegue assimilar a relevância desse ritual.

Segundo THEOTONIO (2010) os saberes da rezadeira são diversos, questão essa que não era enxergada pelos folcloristas que colocavam a benzedeira apenas no que eles classificavam como popular, deixando de lado um olhar para todo o seu conjunto de práticas. Por mais que ela se caracterize com seu ritual de cura, é visível que na voz de Dona Lourdes, as orações não possuem apenas um viés curativo, a reza age também em causas naturais e a partir desse saber que ela enquanto benzedeira a tem, é possível atrelar que o ritual de reza quando se trata de uma prática, também é voltada para as relações com a natureza trazendo mais uma vez uma característica xamânica por estar interligada com a natureza.

Trazendo especificamente a oração capaz de apagar o fogo, ela apresenta todo o ritual em meio dessa oração, com as palavras proclamadas, ela rodeia o fogo e assim o apaga. Podendo ser interpretada também, como sua relação circunscrita entre a tradição cristã, ou seja, é apenas através de sua crença que se interliga com o lugar no qual necessita dessa prática que a mesma consegue atuar até mesmo com a natureza. Como exemplo, tomemos novamente a fala de Dona Lourdes que dialoga com o fogo recitando sua oração de acordo com a sua necessidade.

Tais orações seguem uma fórmula que narra um episódio mítico pelo qual as divindades remediaram o mesmo mal. Portanto a rezadeira ao providenciar a cura de seu paciente através da proliferação de tais rezas de certa forma revive esse episódio

²³ Depoimento concedido por Maria de Lourdes dos Santos no dia 30 de Maio de 2019.

atemporal bem-sucedido de cura, garantindo também a eficácia de seu rito. (SALES M, p 269, 2007).

Observando essa oração proferida sobre apagar o fogo e sua retomada ao sagrado cristão é perceptível que, esse ritual no qual é proclamado utiliza-se da passagem bíblica do evangelho de Matheus²⁴, que relata o momento que Jesus andou sobre as águas, é nessa retomada para esse momento que se fundamenta o ritual da benzedeira para apagar o fogo, sempre se voltando para a religião cristã, Dona Lourdes toma como símbolo a água que Jesus andou para apagar o fogo, e invoca seu nome para assim concluir sua oração. É nesse reviver para com esse episódio que se nota uma significativa importância no ritual da benzedeira, ela expõe que seu saber estar além de rituais simplistas, pelo contrário, elas possuem toda uma tática de organização cultural em torno de seu ofício.

Tais levantes sobre essas estratégias não está voltado apenas para as orações, existem também outras rotas que permitem as rezadeiras a não se silenciarem e que surgem de acordo com seu lugar social. Por meio da narração de Dona Lourdes, adentramos em outro meio: a sua adaptação para com a modernidade que a cerca.

Têm muitas, tem minha irmã que eu rezei nela e ela está bastante melhorada. Teve um policial daqui que estava bastante doente, ele pediu pra mim rezar nele, ele tava em João Pessoa, ele me disse que tava com uma dor tão grande que pediu a Deus pra morrer. Eu disse meu filho peça perdão a Deus, por que a gente não pede pra morrer. Ai a mulher dele veio aqui pra mim rezar nele, por que ele tinha fé que ficava bom.²⁵

Ai por telefone eles me disseram a posição que ele tava, pra mim rezar não podia está comendo nem dormindo, ele tinha que está deitado e acordado, ai daqui eu rezei, ai de noite ela me ligou dizendo que ele que tinha sentado e comeu, que nem isso ele tava conseguindo.²⁶

Para além da relação social que é trazido nesse depoimento, chamo atenção em um primeiro momento para como Dona Lourdes exerce seu ofício se adaptando aos mecanismos da modernidade. Um simples telefonema carrega um símbolo cabível de análise nesse momento, tendo em vista o mundo moderno que rodeia essas senhoras que para muitos são vistas como pessoas incapazes de se modificar e utilizar-se de mecanismos que se distanciam de sua época, esse mesmo telefonema mostra o contrário, ele simboliza a adaptação do ritual de cura com os símbolos da modernidade. O telefone e a ligação podem ser enxergados como uma rota de fuga entre o espaço da rezadeira e o moderno.

²⁴ Ver MATHEUS, p 1204, 2013.

²⁵ Depoimento concedido por Maria de Lourdes dos Santos no dia 30 de Maio de 2019.

²⁶ Depoimento concedido por Maria de Lourdes dos Santos no dia 30 de Maio de 2019.

“Para poder cumprir essa função de outorgar sentido através do ritual, a benzedeira deve ter condições de integrar os diversos acontecimentos que se apresentam durante o ritual”²⁷. O universo de benção consegue adentrar os diversos meios para assim sobreviver, assim como a memorização das orações, a adaptação da benzedeira para com a modernidade são meios estratégicos que elas utilizam para exercer seu ofício, como QUINTANA (1999) bem ressalva, é necessário que a benzedeira atente para o que está em sua volta, e utilizar-se desses novos mecanismos, são exemplos que ela e seu ritual estão em constante readaptação e que está presente nas vozes de Dona Nazaré e Dona Lourdes, vozes que são incapazes de se silenciarem e que por meio de suas táticas conseguem permanecer ativas. Assim, se readaptar constantemente não é deixar de lado as tradições que as impuseram, mas é perceber que essa linearidade exige uma medida para que seu ofício não se perca no tempo.

2.3 “Ele falando e eu copiei tudinho”: Tia Ivete

Eu já tava com uns quarenta anos quando comecei a rezar, foi o velho de Taperóia José Antônio que tinha essa missão num sabe, aí filha dele morava aqui, um dia ele veio aqui e disse: olhe Dona Ivete a senhora vai ficar com essa missão enquanto a senhora puder e viver, vai viver com ela, que foi certo na minha mente de deixar uma criatura no meu lugar. Aí assim eu peguei um caderno e copiei todas as orações que eu rezo nas pessoas e até hoje. Eu to com 74 anos e ainda rezo nas pessoas, o povo tem fé viu se não tivesse não me procurava²⁸.

Como observamos, a oralidade é o objeto fundamental para proliferação do ritual, como também, é um objeto para ensinar aqueles que desejam seguir esse caminho, e assim como o proclamar das palavras possui táticas para facilitar a aprendizagem, outros caminhos podem ser tomados dependendo da realidade de quem deseja seguir essa tradição. Dito isso, chamo atenção para o depoimento acima, que traz significações um pouco distintas das outras duas senhoras que deram vozes ao seu lugar.

As três senhoras já abordadas começaram suas atuações em idades diferentes, todas por características singulares, no caso de ‘Tia Ivete’ ou ‘Ivete de Antônio Mota’ como é conhecida na cidade, suas atividades, ou melhor, seu trabalho começa um pouco mais tarde comparado com Dona Nazaré e Dona Lourdes, aos quarenta anos de idade, sendo mais de trinta anos de atuação, todavia, a missão que ela herdou desse senhor, parte de uma característica que não havia sido encontrada nas senhoras anteriores, a escrita. Como

²⁷ QUINTANA, p 108, 1999.

²⁸ Depoimento concedido por Ivete Simplicio no dia 10 de Julho de 2019.

SALES (2007) expôs, além das táticas de memorização da reza através da musicalidade, outros meios podem ser observados, como o diálogo com os símbolos do moderno que já foi citado, e agora a escrita enquanto técnica de aprendizagem para as rezadeiras, especificamente para tia Ivete, que se sujeita a essa técnica para aprender o ritual.

O ritual de cura das benzedeiras possui certas restrições como já foi colocado, porém, perceber que a escrita nesse caso tornou-se objeto de aprendizagem, aonde só a oralidade atuava, é vislumbrar que a rezadeira é diferente do que é vista por algumas culturas oficiais, capaz de não se enquadrar nos parâmetros que a sociedade impõe para senhores de certa idade, como sua incapacidade física e intelectual.

As senhoras de idade nesse momento, são vistas segundo BÓISIS (2007), como pessoas capazes para efetuar suas obrigações e dotadas de toda experiência de vida. Não existe idade para começar e muito menos para encerrar o ofício de rezadeira, e ao tratar sobre a escrita enquanto forma de memorização da oração, consegue-se olhar para a rezadeira ainda com mais delicadeza, seu ofício utiliza-se de todos os mecanismos existentes em sua volta para prosperar, a musicalidade, a modernidade e a escrita.

Tia Ivete em meio ao seu relato, consegue expor como a escrita a ajudou no seu ofício, mas apenas para a memorização, pois o senhor no qual a ensinou era de outra cidade e não tinha como ela ouvir ou o observar diariamente, assim a escrita vem à tona enquanto método de aprendizagem pra facilitar a memorização oração.

No decorrer de seu depoimento, a mesma relata dentro de seu eixo explicativo não apenas como ela aprendeu as orações, mas consegue explicar passo a passo alguns dos rituais de cura que ela utiliza, que da mesma forma que o ramo e a água já trazidos aqui, possuem significados cabíveis de análise.

Eu copiei né, ele falando e eu copiei tudinho, sei tudinho de cor e sarteado, começa pelo Creio em Deus Pai, Avé Maria, meu senhor do Bonfim, aí eu rezo de olhado, de triadura, num sabe. Triadura é quando a gente quebra um braço ou uma perna e fica triado, ou qualquer coisa que machuqueai a gente reza.²⁹

A de triadura a gente diz assim: o que é que eu cuzo? Nervo torto, carne criada e osso desconjuntado, tudo isso eu cuzo com os poder de Deus pai e a virgem Maria, ai reza um pai nosso e uma ave Maria três vezes num sabe, vai cuzendo com a agulha o pano como se tivesse cuzendo onde tá quebrada, por três dias fazendo isso a pessoa fica bonzinho de qualquer triadura.³⁰

²⁹ Depoimento concedido por Ivete Simplício no dia 10 de Julho de 2019.

³⁰ Depoimento concedido por Ivete Simplício no dia 10 de Julho de 2019.

Tia Ivete consegue explicar a partir de suas lembranças, como utilizou a escrita para a memorização de seu ritual e como a reza cotidianamente é repleta de simbologias ligadas com a doença, além de um processo ritualístico que graças ao método que ela usou, foi capaz de nos expor. Ela traz a ‘‘triadura’’, ou seja, um osso do corpo que foi quebrado, ou que até mesmo saiu do lugar e explica todo o ritual para o tratamento desse problema e que nesse expor do processo, estão alguns símbolos que gira em torno desse misticismo da benzedeira.

‘‘O ritual da benção é rico em simbologia. Todos os elementos são partes constitutivas de um espetáculo: o local aonde se benze, os objetos, as orações e a expressão corporal’’³¹. É nos símbolos que toda a circularidade do ritual está presente, seja por meio do imaterial como as palavras, assim como nos objetos o ritual consegue atuar. Atentando-se para a oração da triadura e seu ritual para a cura, encontramos alguns símbolos, como o ato de ‘‘cuzer’’, ou seja, costurar, como bem colocar Dona Ivete a triadura atinge os ossos do enfermo, em torno da oração as palavras que são proclamadas trazem toda uma relação para o corpo, da mesma forma os símbolos no qual está presente nessa atividade como a agulha a linha e o pano.

Esses símbolos são interpretados como as ferramentas que a benzedeira utiliza juntamente com a oração, enquanto ela invoca as palavras ela vai costurando o pano, e assim o faz por três dias. A agulha e a linha representam a costura, e essa costura, segundo Dona Ivete é a representação da sutura onde o osso está quebrado ou dolorido, como se estivesse costurando o osso, veja que o ritual é feito por três dias, esse número também parte de uma significação.

QUINTANA (1999) percebe que o número três está presente em variadas culturas, no caso das rezadeiras vemos os três raminhos na oração para olhado, assim como na oração de triadura, o número três está presente.

Historicamente esse número três também é encontrado na religião católica com a santíssima trindade, que no caso do ritual das rezadeiras também está presente, o três traz valores simbólicos, em inúmeras crenças, mas tratando dessa especificamente, o número é bem mais valoroso, ele é a promulgação para fundamentar a cura do início ao fim, haja vista que, antes da oração e no seu final, invoca-se a santíssima Trindade, assim como no ritual, além de enfermidades que necessitam de um trabalho mais longo que dura exatos três dias como triadura e a ferida de boca que veremos mais adiante.

³¹ CRISTINA E. p 37, 2009.

Todo esse aparato ritualístico é incorporado com símbolos que se integram a essa prática. Outro aspecto simbólico do ritual, é encontrado na oração de ferida de boca que a Dona Ivete nos fala.

Tem também a de ferida de boca, que a gente reza com sal bento e água benta, passando o sal na boca da criança, e molhando com água e jogando fora. O sal e a água benta vão sarando a boca da criança fazem isso por três dias também.³²

O benzer é o que está na cura da rezadeira, e Dona Ivete traz a importância sobre o bento em sua explicação de como é promulgada essa oração, que no ato do benzimento a bênção ganha poder e consegue agir, porém através de outras ferramentas. “A água, por sua vez, não somente está presente de maneira material no copo onde as brasas que absorveram a carga negativa da pessoa são apagadas, mas também de maneira simbólica na bênção, ao ser dito que todos os males sejam dados e, portanto, levados pela água corrente”³³.

Nessa oração a água ganha esse papel purificador, ela é capaz de limpar a enfermidade na boca da criança e o curá-la, utilizando o sal molhado nessa água, salientando-se que, não é uma água comum, mas sim uma benta, ou seja, uma água na qual foi abençoada pela igreja. Tal assimilação sobre água enquanto símbolo, seja no depoimento de Dona Ivete, ou como o de Lourdes já citado anteriormente, revela-se a importância da água, que segundo Eliade (1992) desde as primeiras tradições religiosas do mundo antigo a água tem esse papel purificador.

Todo o contexto da rezadeira, não apenas as orações e o objeto, mas seu próprio local torna-se simbólico. Dona Ivete deixa claro que reconhece seu ofício não apenas como um dom, mas um trabalho a ser seguido, a mesma reforça várias vezes sobre como seu cotidiano é voltado para seu trabalho enquanto rezadeira, desde o amanhecer ela inicia passo a passo seu ritual, que segundo ela só pode dá início ao seu trabalho com sua oração matinal, e independente de qualquer afazer, sempre sua reza deve ser prioridade.

Outra questão que é nos revelada, é que a rezadeira pode rezar a si mesma. Sobre isso ela fala que:

Ele me dizia, quando a senhora rezar no povo e não se sentir bem, vá embaixo de um pé de árvore e reze na senhora também que você fica boazinha, pois da mesma

³² Depoimento concedido por Ivete Simplício no dia 10 de Julho de 2019.

³³ QUINTANA, p 184, 1999.

forma que você pode rezar nos outros você também pode rezar em você. E é, quando me sinto mal eu vou ali ao pé de pau, me rezo e volto aos trabalhos.³⁴

Diante das complexidades que essa prática possui sobre as suas características e como decifrá-las para entender a atuação da rezadeira sociedade, vemos que tudo é simbólico do levantar ao dormir e uma dessas questões que chama atenção nos relatos da senhora Ivete é que elas podem atuar sobre si mesmas, não apenas rezar em si para se curar, mas é necessário antes de agir no outro que ela esteja bem espiritualmente, entendendo que esse trabalho segundo dona Ivete, retira a doença do enfermo, às vezes o mal estar pode ir para rezadeira, e para que ela possa novamente atuar em outro, ela deve limpar-se.

O ato de se purificar revela o quão importante e como é levado a sério a prática de cura da rezadeira. Atuar com a enfermidade é algo difícil, ela deve voltar-se totalmente para a sociedade, isso é o que faz este ofício resistir, readaptar-se ao seu lugar social constantemente, além de sempre está à disposição do outro. A senhora Ivete, bem como Dona Nazaré e Dona Lourdes, valoriza seu trabalho muito bem, vale salientar que, a benzedeira a partir das vozes dessas senhoras não tratam as pessoas que a procuram como cliente e nem se reconhecem enquanto detentoras de poder, para elas tudo se remete ao sagrado, e mesmo assim são reconhecidas pelo seu ofício.

Quando é perguntada se é cobrado algo, é perceptível no seu depoimento quando ela agrega de onde vem a cura, a relação social dela com os enfermos, ela responde dizendo: “As palavras de Deus a gente não vende por nada desse mundo, as vez tem gente que vem e traz coisa pra mim, como umas mulheres de campina, mas eu não aceito nada em intenção da reza, não posso cobrar de quem eu rezo”³⁵.

“Tia Ivete” expõe em sua narrativa algo em comum com as senhoras já citadas; seus rituais não geram um retorno financeiro. E sobre essa ótica, a prática de cura é ainda mais atuante pelo seu valor cultural, seu lugar e sua crença, a simples procura por essas senhoras é um pagamento, pois o reconhecimento de seu ofício valoriza ainda mais o lugar delas enquanto rezadeiras. Suas táticas permitem que elas se readaptem e seus símbolos ressignifiquem sua cultura, e assim o saber dessas senhoras vai sendo compreendido sobre o olhar histórico e cultural.

³⁴ Depoimento concedido por Ivete Simplício no dia 10 de Julho de 2019.

³⁵ Depoimento concedido por Ivete Simplício no dia 10 de Julho de 2019.

Para QUINTANA (1999) as rezadeiras ocupam um lugar privilegiado dentro das manifestações da cultura popular, e seus saberes são diversos, e o que vem sendo exposto até o momento, a partir das vozes que ecoam o lugar dessas senhoras fundamentam isso. Não apenas as rezas e seu ritual, mas seu saber vai ainda além, como nas produções de alguns medicamentos terapêuticos, que permite que as rezadeiras possam também circular a medicina, e isso é possível atentar quando vem à tona as lembranças da última rezadeira que encontramos na cidade, Dona Jacira.

2.4 Remédios caseiros segundo a rezadeira Dona Jacira

O levante construído em torno do lugar das senhoras rezadeiras juncoenses, no qual foram trazidas anteriormente nas narrativas de três senhoras, cada uma sobre um aspecto diferente de seu ritual, traz agora a última senhora que atua na cidade, e damos lugar ao seu protagonismo para entender até onde se estende o saber popular dessas senhoras e o lugar onde atuam.

Em meio às especificidades trazidas por essas senhoras, que está dentro de seu ritual de cura, encontramos também não apenas as orações e seus símbolos, mas outro saber fundamental, o conhecimento dos remédios naturais e a sua produção, qual a senhora Jacira tem conhecimento. Mas antes de adentrarmos diretamente com a relação das rezadeiras com as plantas medicinais, faz-se necessário compreender o lugar de Dona Jacira enquanto rezadeira na cidade, e suas influências sobre sua aprendizagem tanto na reza como na produção de remédio caseiros.

Jacira Maria dos santos Nóbrega, ou melhor, Dona Jacira, de sessenta e oito anos de idade, em meio a sua entrevista, relata como ela aprendeu seu ofício, a mesma nos fala que desde muito cedo, com seus nove anos de idade ela aprendeu a rezar e aprofundou ainda mais quando a mesma observava outras rezadeiras de sua época e memorizava suas orações, segundo ela esse ofício está para além de uma aprendizagem, é um dom. Esse dom que ela nos fala, já foi trazido pelas senhoras que narraram suas vivências enquanto benzedeira, e diante seus discursos notamos que por mais que elas possuam diferentes experiências, sempre sua aprendizagem está ligada com o sagrado cristão, ao tratar dessas quatro senhoras.

Porém rezar é um dom, a pessoa já nasce com aquele dom, é tanto que eu descobri esse dom, por que rezar é fazer o bem, e não tem coisa melhor, quando chega uma

pessoa doente com problema, como muito já chegou e a pessoa rezar e ela ficar boa. Ai a gente tendo o dom tem que ter muita fé também, por que rezar sem fé não adianta.³⁶

Pode até rezar um pai nosso e pedir pra Deus curar, que com fé Deus cura. É tanto que não vou a médico, a última vez que fui eu tava grávida das minhas filhas gêmeas, eu tava com quarenta e sete anos, hoje eu tô com 68 anos e meu médico é Jesus e meu medicamento são os remédios caseiros, é tanto que faço pra mim e pra os outros.³⁷

Em meio a sua fala enxergamos o objetivo geral da rezadeira, que já foi ressaltado pelas anteriores, o valor social em ajudar o enfermo que as procuram e a crença que esses portadores de alguma enfermidade possuem ao procurá-las. Dona Jacira reforça seu ofício com outra característica bastante presente entre as atuações das benzedadeiras, o seu saber com os medicamento caseiros e produtos naturais. A rezadeira no caso de Dona Jacira não age apenas no ritual de cura através das orações, mas também na produção de remédios naturais, sendo até mesmo colocadas como QUINTANA (1999) analisa esse saber, enquanto uma terapeuta natural capaz de utilizar do que a natureza oferece para traçar e produzir medicamentos naturais.

O interesse da humanidade no poder curativo das plantas medicinais está relacionado à necessidade sempre existente de amenizar o sofrimento causado pelas doenças. Partindo da observação da natureza e construindo experiências que foram transmitidas de geração para geração, os homens e as mulheres vêm elaborando conhecimentos sobre as plantas. (THEOTONIO, p 75, 2010).

O que vem reforçar essa colocação é quando olhamos geograficamente para a região do Junco do Seridó que, com apenas 47 anos de sua fundação, ela é ainda muito voltada para o meio rural, e isso possibilitou bastante a aprendizagem de Dona Jacira sobre as plantas medicinais que segundo ela, aprendeu com sua mãe e sua mãe aprendeu com a sua avó de forma hereditária, pois elas sempre possuíam uma ligação no meio rural e estava mais presente entre essas plantas. Assim como cada senhora entrevistada, Dona Jacira traz uma característica distinta sobre o saber desse ritual de cura, a sua experiência para com as plantas de cunho medicinal e a sua produção.

O ritual não permeia apenas no meio do sagrado cristão, ele consegue está presente também na medicina, através das ervas, plantas e remédios naturais ganhando forma e adquirindo todo um ritual no modo de preparo desses ditos medicamentos para assim promover a saúde do enfermo. Sobre isso, a senhora Jacira diz que não apenas na oração se

³⁶ Depoimento concedido por Maria Jacira dos Santos Nóbrega no dia 27 de Julho de 2019.

³⁷ Depoimento concedido por Maria Jacira dos Santos Nóbrega no dia 27 de Julho de 2019.

deve ter fé, mas também nos remédios naturais, e quais remédios são esses? Ela nos responde:

Olhe pra todo tipo de inflamação tem o cajueiro roxo, tem a quixabeira e pra quando é gripe, bronquite você sempre procura uburana, jatobá, umaru, esses remédios assim para bronquite asmática eu faço, agora que assim, eles são feitos de coisas medicinais, mas tem coisas que quem vai tomar o remédio não pode saber o que é, e é limpinho, é coisa boa, mas se souber a pessoa não vai ficar boa, já fiz pra muita gente e nunca cobre um centavo.³⁸

Quando olhamos para essas senhoras, é notável que seu lugar enquanto parte de uma manifestação popular, é de uma heterogeneidade admirável, por mais que se detenham somente ao ato de curar, seus meios, ritos e símbolos são específicos para cada mazela, de um lado as relações com o sagrado cristão por meio das orações e do outro enxergamos agora a circularidade da rezadeira entre o saber popular local e o medicinal ao trazer como suas experiências possibilitou o conhecer dessas ervas.

“Os conhecimentos sobre as plantas medicinais da região e suas indicações terapêuticas não são exclusividade das mulheres rezadeiras, sendo disponibilizados junto a outros saberes em benefício da comunidade na qual rezadeiras e rezados compartilham espaços e experiências de vida”³⁹. Partindo de THEOTONIO (2010), ressaltamos que o saber natural de remédios e plantas não é exclusivamente das benzedadeiras, mas da comunidade, porém a procura da cura sempre se detém a elas, e isso possibilita sempre a busca de tais remédios a essas senhoras, como no caso de Dona Jacira. É por meio dessa circularidade cultural, entre o saber popular e o saber médico que a rezadeira também rodeia e dentre esses remédios, como os que Jacira nos expõe, não apenas é recomendando por elas, como pelos médicos, pois essas plantas possuem de fato substâncias capazes de trazer a cura.

Torna-se ainda mais perceptível quando nos voltamos para o Conselho Nacional de Saúde⁴⁰ que desde 1975 reconhece a medicina popular como fator benéfico para o tratamento de determinadas doenças, as famosas garrafadas, lambedores e chás ganham uma grande importância, especialmente em cada localidade específica que o clima e a vegetação ajudam. Nessa questão, Dona Jacira fala sobre o cajueiro roxo e a quixabeira, muito presente na zona rural do Junco do Seridó, e ambas as plantas possuem de fato

³⁸ Depoimento concedido por Maria Jacira dos Santos Nóbrega no dia 27 de Julho de 2019.

³⁹ THEOTONIO, p 77, 2010.

⁴⁰ Ver MS - Ministério da Saúde. **Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos**. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos - Departamento de Assistência Farmacêutica. Distrito Federal, 2006.

propriedades cicatrizantes para qualquer tipo de inflamação, isso segundo ela e a própria medicina acadêmica.

Tendo em vista seu lugar privilegiado enquanto rezadeira que possui as mesmas práticas que as rezadeiras já citadas, seu lugar ganha mais essa função, como conhecedores de ditos remédios caseiros, e da mesma forma que existe todo um ritual simbólico no ato da oração, a produção de certos remédios também exige certo cuidado, como o da asma, que o indivíduo que irá tomar tal medicamento não pode saber seus ingredientes, e assim o ritual vai ganhando forma até no preparo desses remédios que se tornam simbólicos.

Para além de seu vasto conhecimento sobre plantas e rezas, destaco aqui, dois dos medicamentos que ela produz, quais segundo ela, são os mais procurados, a garrafada para a asma, e o lambedor para resfriado e que mediante a eles observamos todo o preparo.

Ele é assim, é ruim de fazer, você pega um litro de mel, pega o cupim preto e só serve se os bichinhos estiverem dentro, coloca numa sacola e imediatamente você coloca o cupim no fogo, e ele vai torrando, antes de queimar você retira ele e pisa com um pilão, eu piso com um pilão pequeno até ele ficar um pó ai meço uma xícara. Da mesma forma você pega a semente do quiabo, pisa do mesmo jeito e mede uma xícara, ai depois você pega dois ovos de capoeira passa no liquidificador com o mel, a clara e a gema, um litro e depois você coloca todos os outros preparo que foi feito e deixa passar bem muito no liquidificador, e você toma e cura mesmo, eu não faço nem ideia de quantas pessoas eu fiz esse remédio e eles ficaram bons.⁴¹

Pra gripe eu faço o lambedor da hortelã da folha gorda, a cebola branca, a raiz da papacunha, a raiz de xanana, a casca do camuru e da uburana, cozinha tudo e coloca açúcar, tomando cuidado para não azedar e deixa em conserva.⁴²

Não apenas a oração, mas a própria produção do remédio torna-se um ritual nas mãos de dona Jacira, as plantas de substâncias terapêuticas fortíssimas, assim como mel de abelha que segundo a Organização Nacional de Saúde, também possui propriedades extremamente positivas para o corpo do ser vivo, capaz de agir em determinadas doenças. São símbolos como esses que expõe a capacidade do saber de rezadeira à circular sobre o saber médico e ganhar reconhecimento.

É possível averiguar que as indicações sugeridas pelas rezadeiras encontram respaldo na ciência quando as plantas são estudadas e seus princípios ativos isolados. As propriedades terapêuticas das plantas medicinais foram comprovadas pela ciência e são as mesmas que continuam sendo utilizadas pelas comunidades rurais durante gerações. (THEOTONIO, p 81, 2010).

⁴¹ Depoimento concedido por Maria Jacira dos Santos Nóbrega no dia 27 de Julho de 2019.

⁴² Depoimento concedido por Maria Jacira dos Santos Nóbrega no dia 27 de Julho de 2019.

O valor científico das propriedades naturais desses remédios caseiros reconhece por ele mesmo a sua importância, doravante que a cultura oficial, ou melhor, a medicina acadêmica e científica retira esse saber do senso comum e o coloca no campo da ciência expondo sua valorização social e eficácia.

Dando voz a Dona Jacira e olhando para os demais remédios que segundo ela são os mais produzidos e mais requisitados à ela, deparamos então com a garrafada que é essa junção de várias plantas e ingredientes que possuem propriedades terapêuticas reconhecidas como o mel de abelha, o quiabo, entre outros que ela coloca em seu depoimento e o lambedor que também traz a junção de plantas medicinais, hortelã, cebola branca entre outros, todavia observando não precisamente esses ingredientes que como já citado, é reconhecido pela cultura oficial, deve ser levado em conta o processo ritualístico do preparo desses dois medicamentos.

Quando tratamos do ritual da benzedeira em específico, é importante ressaltar que assim como para toda a sociedade, somos repletos de rituais, e tudo aquilo que fazemos cotidianamente torna-se um ritual, por mais que seja algo individual e isolado como o simples acordar, ou até mesmo sua rotina do dia-a-dia. Como THOMPSON (2010) ressalva, o ritual é capaz de permear a vida política e social dos indivíduos, o que é plausível no ritual de cura, e também ao considerarmos a produção do remédio como processos ritualísticos.

Vemos que, em todo o diálogo de Dona Jacira, existe de fato um ritual, em primeiro momento na sua aprendizagem hereditária, em seguida em manter certos segredos dos ingredientes para com enfermo, e também abarcamos a produção do remédio, no cuidado, na medida dos ingredientes, nos tipos de ingredientes, e no preparo por completo, indo ainda mais além, pois nesse processo o valor social segundo ela ganha um reconhecimento de sua comunidade ainda maior, no momento da eficácia do medicamento.

É na experiência acumulada pela família no tratamento das enfermidades que a preparação do chá está inserida permeada pelas peculiaridades de cada um na arte de preparar alimentos e remédios caseiros. Essa capacidade de conhecer as receitas dos chás sem a necessidade de uma tabela que determine gramas e mililitros revela maneiras de fazer que seja continuamente elaborada pelas mulheres. (THEOTONIO, p 75, 2010).

Seja enquanto rezadeira por meio das orações, como pelos saberes dos medicamentos naturais, Dona Jacira recorda sobre as suas experiências da infância e juventude, e relata como sua família auxiliou na sua aprendizagem, seja nas orações como nos remédios, que

de acordo com ela é segredo de família. Cada similaridade especialmente nos seus remédios caseiros, ressignifica seu lugar e a interliga entre o sagrado, a natureza e a medicina. O reconhecimento desses locais de cultura oficial na modernidade como o da medicina e olhar social em reconhecer esse ofício, como parte da cultura de um povo, reforça a atuação de Dona Jacira e as demais senhoras que contribuíram para esse diálogo, reforçando o desejo de valorizar seu trabalho.

O ritual de cura vai nesse caminho, complexo, característico e simbólico, parte das orações, cada uma para uma enfermidade e com símbolos diversos, adentrando no meio natural e medicinal, entre plantas e medicamentos. Todavia, o ritual por mais que esbanja sua heterogeneidade, ele tem um objetivo; que é atuar na cura e na comunidade que essas senhoras residem. As quatro senhoras que deram vozes ao seu lugar enquanto rezadeira juncoenses, trazem características diferenciadas, porém o ritual é o mesmo, não apenas o ritual, mas a preocupação com sua comunidade, e a necessidade de sempre estarem a dispor de seu trabalho, revelam a importância social que elas implicam e que será ainda mais visível ao nos depararmos com as vozes de alguns senhores dessa comunidade e com o catolicismo local.

3 PERCEPÇÕES SOBRE AS REZADEIRA A PARTIR DAS VOZES DOS CIDADÃOS JUNCOENSES.

Após expor as colocações essenciais sobre as narrações das senhoras rezadeiras da cidade de Junco do Seridó, passamos a entender que o ritual de cura é essa junção construída historicamente e com uma característica que coloca essas mulheres como intermediárias e oficiais importantes do lugar a qual ocupam e desempenham. Doravante, esse local a qual elas pertencem, também possuem vozes que desejam serem ouvidas, vozes essas que narram enquanto sociedade, como essas senhoras são vistas, mediante a comunidade juncoense e a cultura mais abrangente dessa cidade.

Analisar a implicância social de um grupo ou manifestação cultural popular é como uma faca de dois gumes que corta em ambos os lados, da mesma forma, para entender essas práticas populares devemos olhar para os dois lados. O cultural que estão as rezadeiras e seu lugar, e o social no qual elas atuam através daqueles que a procuram, como também aqueles que a enxergam por desempenhar tal função. É possível adentrar no meio social do Junco do Seridó, em especial sobre as senhoras rezadeiras a partir das narrações que advém das memórias dessas mulheres, como também da própria população que está próximo desse ritual de cura.

Vejamos, da mesma forma que QUINTANA (1999) expôs a cura e a doença como partes da coletividade social, a memória e a lembrança também estão com o coletivo, haja vista que HALBACHS (1990) qual se utiliza desse conceito de memória coletiva, percebe que até mesmo uma memória individual não está isolada, conseguinte o ritual de reza não é lembrado apenas por quem o ministra, mas também por aquele que o procura.

Seja o vizinho de alguma senhora rezadeira que percebe as pessoas procurando-a diariamente, ou nas conversas de amigos, familiares e conhecidos que porventura, falam sobre alguma doença e indicam essas senhoras, comunicando-se entre sociedade, acabam dando voz para esse ritual, fundamentando a crença e possibilitando sua existência, pois como Dona Ivete colocou em seu depoimento, é necessário que as pessoas procurem a rezadeira e o ato de procurar por elas, mantém seu ritual ativo, é a procura pela cura e a crença que dá lugar ao ritual.

“O paciente, no processo de benzedura, torna-se um elemento fundamental, uma vez que é indispensável na construção da explanação do infortúnio”⁴³, o paciente, ou

⁴³ QUINTANA, p 153, 1999.

melhor, o cidadão local, é um elemento essencial para construção e valorização do ofício de reza, pois o processo de cura primeiramente necessita-se do indivíduo e da crença que ele possui para que o ritual seja promulgado. Nesse momento, o que se revela é a valorização do ofício que primeiramente parte da relação da sociedade com a cultura oficial, que em nosso contexto, é o catolicismo local e as crenças dos indivíduos que se consideram católicos. Dona Nazaré, Dona Lourdes, e as outras duas senhoras que atuam nessa cidade, como já exposto, são capazes de circular essas manifestações mais predominantes fazendo com que de certa forma atraiam os demais pacientes.

Na sociedade juncoense, de acordo com o levante feito pelas senhoras e senhores da cidade, percebe-se que em sua maioria se declaram católicos, são exatamente seus lugares enquanto cristãos que possibilitam a sua procura por rezadores vinculadas as tradições cristãs.

[...] Em casos de aflição extrema, quando tudo foi tentado em vão, e, sobretudo em casos de desastres provenientes do Céu— seca, tempestade, epidemia —, os homens voltam-se para o ser supremo e imploram-lhe. Esta atitude não é exclusiva das populações primitivas. Todas as vezes que os antigos hebreus viviam uma época de paz e prosperidade econômica relativas, afastavam-se de Jeová e tornavam a aproximar-se dos Baals e das Astartes dos seus vizinhos. Só as catástrofes históricas forçavam-nos a voltarem se para Jeová. (ELIADE, p 63, 1992).

Em termos característicos que imprimem a relação social nas localidades nas quais as rezadeiras agem, possuem um símbolo de suma importância para essas sociedades; a crença. ELIADE (1992) deixa bastante explícito essa questão ao perceber que o apego do homem pelo o sagrado e suas divindades é uma construção histórica que não perde espaço, mesmo com evolução do homem, sua crença muitas vezes está presente, e mais precisamente em momentos desastrosos. Aplicando a doença no contexto social que traz desordem, mesmo antes do surgimento da medicina, os homens, das mais variadas crenças religiosas vão à procura do sagrado para realizar seus pedidos, dentre eles a consagração da cura.

Feiticeiras, curandeiras, vários ritos e vários ofícios foram se instituindo com indivíduos capazes de possuírem saberes e supostos poderes curativos, a rezadeira é uma delas. Todavia, caminhando no viés mais religioso para entender o que faz a sociedade juncoense procurar essas senhoras e valorizarem este ofício, encontramos essa presença forte do catolicismo. Porém, não é apenas uma questão relevante, mas também a tradição

cristã, especialmente nas regiões Nordeste como um todo, reconhece o lugar de reza dessas senhoras através de sua própria relação arcaica com a cristandade.

As novenas locais, oratórios, simpatias e até mesmo a relação do sagrado no âmbito privado e coletivo, está presente no Brasil desde o período colonial como traz MOTT (1991). Da mesma forma o sagrado sempre predominou na região nordeste influenciando diretamente nas relações sociais dos indivíduos que possuem crença nessa prática, levando os sertanejos devotos que são totalmente ligados ao misticismo natural e religioso a procurarem essas senhoras como meio para curar seus males.

As lembranças daqueles que já procuraram essas senhoras, como aqueles que presenciaram e viram as suas atuações, ganham espaço para suas vozes, assim como o líder religioso da comunidade que expõe seu posicionamento com relação ao catolicismo local e o ritual de cura dessas quatro juncoenses que praticam tal feito.

3.1 Rezadeira: memória religiosa de Dona Marina

O cotidiano dessas senhoras torna-se não apenas um cotidiano específico delas enquanto rezadeiras, mas de todo um conjunto comunitário ligada com as inúmeras pessoas que as procuram, desde senhores de idade a adultos e pais com suas crianças. Diante disso, foi levantado em meio à cidade, senhores e senhoras com idades semelhantes as rezadeiras, para assim observamos os diálogos seja de reconhecimento ou não dessa prática e suas próprias memórias enquanto observador ou enfermo, que procurou alguma das benzedoras aqui citadas.

São nas recordações que se encontra o reconhecimento dessas senhoras, e nas mesmas lembranças que expõem como cada uma delas contribuiu socialmente e religiosamente enquanto praticantes de seus saberes. Não apenas afirmar que são importantes, mas quando nos deparamos com as lembranças de cada uma das mulheres rezadeiras, nota-se que elas sempre citam as inúmeras pessoas que são gratas a elas. Todavia, deixando as vozes de seu próprio lugar, é necessário que as vozes da sociedade também ganhem espaço, tendo em vista que segundo elas, o ofício de cura é desvinculável da cidade que se encontram.

A professora aposentada Marina Galdino da Silva, de sessenta e nove anos de idade, é uma dessas pessoas capazes de expor suas memórias sobre algumas dessas senhoras. Trazer o depoimento dela é na sua mais clara fala, se deparar com a relação social das senhoras como Dona Nazaré, pelos olhos de Marina. No decorrer de seu

depoimento, a mesma ressalva que além de professora aposentada, ocupa o cargo de ministra eucarística⁴⁴ da Paróquia de Santo Onofre⁴⁵ da cidade, além de ser membro de movimentos católicos como apostolado da oração, legião de Maria, e missionária. Tal cargo, que ocupa há mais de vinte anos, a torna em meio ao seu lugar de fala, uma voz de autoridade enquanto católica dos ritos oficiais.

A senhora Marina enquanto católica e natural da cidade possui uma vasta lembrança quando é perguntada sobre as rezadeiras da cidade, ressaltando que na sua infância e na idade adulta procurou algumas senhoras e as reconhece enquanto católicas.

Quando eu era mais nova e não tinha muito experiência eu procurava as rezadeiras sim, para me rezar de olhado e eu tinha muito olhado, já fui a algumas, mas não hoje. Eu rezo em mim mesma e nas pessoas que precisam, mas não sou rezadeira, apenas rezo como cristã. Eu acho que é um dom, isso é um dom que a gente tem de servir ao outro, e eu não disfaço de nenhuma. Olhe, porque a gente é curada não pela pessoa que reza, mas pela sua própria fé, por exemplo, eu posso rezar em você, se você tiver fé você é curado, mas não é minha reza é a fé, e elas tem o dom, cada um tem um dom.⁴⁶

Ela vai mais além sobre o seu posicionamento enquanto católica e seguidora dos princípios da igreja ao falar sobre o outro, esse, as rezadeiras da cidade.

Pra mim é um dom de Deus, eu acho interessante a gente respeitar o outro, se é fazendo o bem, se é para o bem. Eu sou assim meu filho, eu não faço diferença de religião, pra mim Deus é um só, se você está com ele bem, se não está, bem também. Eu só não gosto de divisão, seja aberto, aceite o bem e faça o bem, seja verdadeiro, não é a prática de ser católico, mas que você seja bom por que Deus é bom.⁴⁷

Inúmeras vezes, a rezadeira e seu ritual são postos na voz da ministra como um dom, uma prática de fazer o bem, um ritual que exige fé. As demais rezadeiras como Dona Jacira e Tia Ivete, fazem essa ressalva várias vezes no decorrer de seus depoimentos, sempre é uma missão, um dom, e não existem restrições nem empecilhos para a atuação dessas senhoras. O dom, como já colocado, é enxergado nas tradições religiosas como uma especificidade que o indivíduo recebe do sagrado, tornando-o visível nas quatro rezadeiras que explicitam seu ritual na cidade, possibilitando-a de executar seu trabalho.

O depoimento acima cabe a ser enxergado segundo HALBACHS (1990), como uma memória religiosa⁴⁸, essa que as tradições religiosas compartilham para além de seu ritual, são os símbolos, a crença e as histórias sagradas, tornando-a coletiva. Essa memória

⁴⁴ Cargo no qual um católico tem por função distribuir a eucaristia durante o ritual litúrgico, a missa.

⁴⁵ Igreja Localizada na cidade de Junco do Seridó PB.

⁴⁶ Depoimento concedido por Marina Galdino Silva no dia 02 de Agosto de 2019.

⁴⁷ Depoimento concedido por Marina Galdino Silva no dia 02 de Agosto de 2019.

⁴⁸ Ver HALBACHS, conceito de memória religiosa.

religiosa é o que permite Dona Marina reconhecer a prática de cura das rezadeiras como importante, doravante, que por mais que não se interligue com os ritos oficiais do catolicismo, existe uma coletividade social e religiosa que possibilita essa compreensão, como as orações promulgadas por elas, assim como se denominarem católicas e estarem presentes em algum rito, como a missa.

Tal reconhecimento é visto a partir do momento que o ofício da rezadeira é colocado como um dom para a comunidade juncoense, a exemplo citamos a própria Marina que expõe que procurou as rezadeiras inúmeras vezes.

Ponderando como a cultura brasileira é multicultural, a rezadeira além de circular no catolicismo popular e se concentrar no tradicional, permite que a sociedade, assim como Marina, reveja que é importante essa atuação e que há uma implicância que pode ser vista através de signos, como o sinal da cruz, a oração do pai nosso, e os oratórios, expondo a relevância da prática reconhecendo-a através de outra característica, a fé no Deus cristão. Os termos “só Deus cura”, “poder de Deus”, se encontra presente no diálogo de Dona Marina, como de todas as rezadeiras aqui citadas, e isso parte de uma coletividade narrativa da tradição cristã sobre a crença no sagrado para curar os enfermos.

ELIADE (1992) ao discutir sobre a vivência religiosa ou experiência do homem religioso, traz como essas práticas de missão, dom e fé são alicerces para sustentar uma sociedade e até mesmo um grupo, tal semelhança está nas experiências de cura que a identidade da rezadeira constrói na cidade e a partir disso é construído um lugar social de pura implicância para elas.

Eu acho muito importante, porque muitas vezes tem muita doença que não é curada só pela medicina, e muitos cientistas já chegaram à conclusão que pessoas que possuem uma espiritualidade forte e uma crença forte são capazes de serem curados, até às vezes o médico passa o remédio e não cura, mas com oração e tendo fé, cura. Tudo depende da fé.⁴⁹

Marina enquanto cristã e ministra eucarística reconhece a importância do ritual de cura ao longo do expor de sua conversa, fortificando que a memória religiosa que parte da crença do mesmo Deus, e entendendo que existe um papel fundamental para o ofício da rezadeira, é plausível na discussão que a prática vista enquanto popular e folclórica aos olhos da sociedade juncoense e na percepção da comunidade cristã local, sai do patamar de um misticismo mítico de credices duvidosas, e ressignifica sua atuação e seu lugar constantemente.

⁴⁹ Depoimento concedido por Marina Galdino Silva no dia 02 de Agosto de 2019.

As lembranças de Dona Marina se compactuam com as das rezadeiras, a mesma relata que conhece Dona Nazaré e admira seu trabalho, assim como ouviu e viu muitas vezes, o pai de Lourdes de Zé Soares atuando, para ela, o papel da rezadeira está no fazer o bem e essa é uma missão do cristão como ela coloca. Segundo a ministra, a missão da rezadeira é servir o outro, independentemente da situação, deve estar sempre disponível. Entre o dom e o ofício, assim são as benzedeiras juncoenses, despertam seus dons, aprimoram-se e tornam um ofício, uma missão como cristãs.

Olhe como falei, tem doenças que não é curda por nada, por exemplo, pessoas com vermelhão, de que queda, calor, corte, tem pessoas que tem tendências que queima a pele e dói muito, você pode tomar meio mundo de remédio, cura a ferida, mas o vermelhão só cura com reza. Tem também os maus olhos, que são pessoas que não tem fé, que não vai à missa. É o olho da inveja, carregado de maldade, se olhar uma planta ela murcha, mas com fé quem recebe os maus olhos, é curado.⁵⁰

Para aqueles que veem na rezadeira uma rota de fuga para doenças desse tipo, é perceptível que exista uma coletividade da narração não apenas das rezas, mas dos feitos e proezas dessas senhoras. O agir no momento que a medicina não conseguiu permitir a crença no ritual, a cura misteriosa da enfermidade, são características do valor social do ritual de cura e consequências de tais atuações que até mesmo as tradições oficiais acabam trazendo uma aceitação e valorização desse ofício. Percebe-se que a narração de Marina se encaixa com o diálogo das rezadeiras, a senhora de sessenta e nove anos, professora aposentada, ministra católica, enxerga nas rezadeiras uma missão cristã assim como a dela enquanto ministra aos olhos da cultura oficial.

A cultura popular com o social, ou melhor, o estudo sociocultural como defende BURKE (1988) é essa relação que vai se abrindo na visibilidade que parte das lembranças, fragmentadas, porém marcantes e cotidianas, que vai tomando forma, não apenas uma análise silenciosa vista de cima, mas olhada de baixo para cima por meio das vozes que vivenciaram e vivenciam essa prática.

A vivência de fé que Dona Marina relata, também expõe como a crença não se desvincula da sociedade, é uma experiência coletiva para aqueles que se consideram religiosos. A exemplo de Marina que a mãe dela levou para uma rezadeira enquanto criança, da mesma forma ela levou as filhas, e procurou os trabalhos delas enquanto adulta. Não apenas há uma resignificação da cultura da rezadeira, como a circularidade presente nos rituais não se dá de forma isolada, ela traz essa coletividade perceptível nas memórias

⁵⁰ Depoimento concedido por Marina Galdino Silva no dia 02 de Agosto de 2019.

dos fiéis, entendendo que existe uma relação do ritual de cura com as tradições cristãs. Haja vista, que elas são enxergadas através da experiência social e religiosa.

3.2 Memórias coletivas. Diálogo dos depoimentos de Margarida, Abrahão e Maria do Carmo

Essa experiência da memória que se aflora nessas senhoras e senhores quando estimadas a lembrarem sobre quem são as rezadeiras e se de fato são importantes, permite que as narrações vão surgindo em torno da cidade, e um círculo de memórias positivas vai ganhando forma, tal como a ministra Marina, que desenterra suas lembranças desde a sua infância até sua idade adulta. Dito isto, não apenas ela possui uma visão sobre esse ritual, mas também outras duas senhoras e um senhor deram forma a suas memórias que toma espaço nessa pesquisa relatam sobre o que sabem.

Nesse ponto em específico exponho sobre análise histórica, as memórias de mais duas senhoras e um senhor da cidade, ambos pacientes, com posições, crenças e histórias que traçam paralelo para entendermos a importância desse ritual de cura. QUINTANA (1999) em sua pesquisa intitula as pessoas que procuram as rezadeiras enquanto clientes, todavia o que se percebe na região do Seridó, é que não existe uma clientela, pois o próprio termo que se refere aqueles que pagam por qualquer atividade ou produto, contradiz o que foi exposto por essas mulheres, à negação de um valor financeiro.

Distanciando-se desse termo, o que se mostra é que os portadores das doenças são vistos apenas como pacientes. Trazendo essa percepção não apenas na ótica das rezadeiras, mas daqueles que observam como no caso de Margarida Bezerra da Nóbrega, qual observou sua mãe Joana Alves que foi rezadeira e que atuou na zona Rural da cidade. A senhora Margarida é a primeira, das três pessoas que abre a discussão desse ponto, nascida e criada na cidade, atualmente com setenta e nove anos de idade, ela nos faz viajar para sua infância e adolescência e em meio a suas memórias e narrações ela fala como enxergava a sua mãe, e assim conseguimos trazer o olhar do outro sobre a prática de cura. Foi-lhe questionado, como ela se lembrava da sua mãe enquanto rezadeira, ela responde:

Oxe, eu via demais, teve uma vez que um povo do sitio Carneira, que veio no carro de Cícero, um povo muito apegado ao meu pai, trazendo um homem engasgado, cuspidando sangue ai chegaram lá em casa e disseram “Joaninha, tenho fé que as palavras de Deus saem da sua boca” reza nessa criatura que ele ta desenganado. Aí mãe foi lá e rezou três vezes e fez um chá, quando foi com pouco tempo ele deu um

grito e botou o osso pra fora. Depois com um mês ele foi lá a casa com bode, mas mãe não quis, porque ela rezava e não queria nada em troca.⁵¹

A lembrança nesse momento ganha um lugar singular, pois através do exercício de lembrar que ela retorna ao seu passado. Margarida consegue relatar cuidadosamente sobre sua infância. Segundo BÓISIS (2007), a memória é como um arquivo que no momento que abrimos encontramos diversos fragmentos e como o exercício de lembrar e narrar tais vivências seu espaço enquanto narrador de suas observações em tempos passados ganha forma.

O ato de lembrar aqui ganhou um espaço para uma análise historiográfica, pois é por meio dessa narração acima, que nos deparamos com a coletividade da memória que está presente nesse momento da infância de Margarida, cujo mesmo acontecimento passa a ser vivenciado por sua mãe, o paciente e os familiares presentes. Possibilitando uma retomada de sua lembrança que vai além de um momento específico, esse fragmento possibilita que por meio dos olhos de Margarida e de sua fala, possamos perceber algumas colocações importantes para entender como o ritual de cura é visto por aqueles que a procuram e aqueles que estão em seu meio.

Destacando essa recordação em três momentos, é visível perceber como através de Dona Margarida e os presentes, como a sua mãe enquanto rezadeira foi colocada. No primeiro momento percebemos como a rezadeira é conhecida através de um pequeno trecho de sua fala: “Joaninha, tenho fé que as palavras de Deus saem da sua boca”⁵²; mediante a essa colocação revela-se que o mesmo se refere como a família do enfermo enxerga rezadeira, e o porquê de terem procurado ela, enquanto mediadora, porta voz das palavras do divino. Tal colocação foi percebida por meio das narrações das senhoras praticantes desse ofício que ressaltaram que não são detentoras de nenhum poder místico, mas mediadoras entre a doença e as orações que se liga ao sagrado.

No segundo momento, a mesma relata que sua mãe rezou três vezes, e por meio desse, nos deparamos novamente que a simbologia da trindade que estava presente na narração de Tia Ivete, expondo como o ritual existe símbolos permanentes utilizados por todas as senhoras. No último ponto dessa colocação destaco além da coletividade da memória, a restrição que a rezadeira possui, justificando que as mesmas não consideram seus pacientes como clientes. Percebe-se que a mãe de Margarida recusa o presente como

⁵¹ Depoimento concedido por Margarida Bezerra da Nóbrega no dia 06 de Agosto de 2019.

⁵² Depoimento concedido por Margarida Bezerra da Nóbrega no dia 06 de Agosto de 2019.

recompensa pelo seu trabalho. THETONIO (2010) introduz essa negação como uma regra utilizada por todas as detentoras desse ofício, que ao mesmo tempo valorizam seu trabalho, enquanto uma missão religiosa.

Além dessa retomada da observação de Dona Margarida, ela relata que boa parte das orações de sua mãe foi deixada para ela, porém ela não conseguiu exercer o ofício.

Eu rezo aqui em criança, em adulto não. Deus me livre, se eu rezar num adulto, fica doente. Preste atenção, uma pessoa com olhado forte que até vomita, olhe o tamanho desse quebrante, se eu rezar nele, pega em mim, se eu tiver doente me derruba, rezou apenas uma vez e passei muito mal não tenho força pra rezar em adulto não, por que é muito estressante, pode vim gente negativa.⁵³

Ao trazer o ritual de iniciação das rezadeiras na ótica de Dona Margarida, é visível que, por mais que sua mãe tenha deixado suas orações, a mesma reafirma que não se considera como uma rezadeira e nem atua como uma. Ainda ressaltando sobre ela, mostra que sua tentativa de agir como uma, foi falha. O que traz de forma justificável esse posicionamento são as afirmações das outras senhoras.

Partindo de QUINTANA (1999) o ritual de benção é uma constante aprendizagem, do início ao fim, porém o ritual é aprimorado diante de três características o dom a disponibilidade e a restrição, nas quais ela mesma coloca que não possui, pois não tem força suficiente para isso. Todavia, retomando os depoimentos de Lourdes de Zé Soares e Dona Nazaré nos deparamos com uma restrição, a mulher não deve ensinar a outra mulher, mas ao seu oposto, pois segundo as mesmas, elas perdem as forças, porque o ofício se divide em dois.

O que se presencia na narração de Margarida acima é justamente essa restrição da perda de forças e por sua mãe tê-la ensinado, que possivelmente influenciou na sua prática enquanto tentativa de atuar como rezadeira. A sua falta de atuação não fez com que ela perdesse a credence e ainda reconhecesse ativamente os valores sociais da prática de cura, que advém da memória religiosa e afetiva que possui sobre sua mãe.

Acredito piamente! Chegava criança escangotando lá em casa num sabe, com olhos fechados, só gemendo, e eu via, ela rezava, quando dava fé o menino estava sentado, quieto como se não tivesse nada. Minha mãe rezava de olhado, engasgo triadura, mordida de cobra, eu a via como uma santa.⁵⁴

⁵³ Depoimento concedido por Margarida Bezerra da Nóbrega no dia 06 de Agosto de 2019.

⁵⁴ Depoimento concedido por Margarida Bezerra da Nóbrega no dia 06 de Agosto de 2019.

A crendice é símbolo das manifestações religiosas ditas como populares, e só a partir de tal é que eles ganham forma e lugar, assim como a mãe de Dona Margarida. Porém, ela não reconhece apenas sua mãe, mas os pares dela como importantes, assim como os outros senhores que serão expostos aqui, não apenas reconhecem tal ofício como se consideram pacientes das rezadeiras presentes na cidade.

Bem como Margarida, vemos nas memórias do senhor Abrahão Alves de setenta e nove anos e de Maria do Carmo de sessenta e oito anos, ambos nascidos da cidade e residentes desde sua fundação, um funcionário público aposentado, e o outro membro atuante da igreja e da pastoral familiar. Os três enquanto pacientes, cidadãos e cristãos, possuem memórias e experiência sobre as rezadeiras da cidade.

De forma fragmentada, ao tratar sobre esse ponto específico de suas vidas, eles narram como a cidade cresceu e se organizou rapidamente, além de como as rezadeiras permaneceram. O senhor Abrahão recorda das vezes, essas inúmeras vezes que procurou as senhoras benzedoras para agir no seu corpo, e a principal doença que ele coloca é a triadura, que na sua juventude era causada através de seu trabalho.

No caso de Maria do Carmo que está ligada com os movimentos da igreja local e dos grupos familiares, missionários, ela ressalva que existe uma missão cristã que as rezadeiras pregam; a missão de ajudar o próximo. É possível construir o diálogo das três narrações através da memória coletiva e memória social, ambos os conceitos trabalhados por BÓISIS (2007), para compreender até que ponto as lembranças narradas por senhores idosos, podem estar interligadas. Dito isto, percebemos como ao tratar do ritual de cura, os três senhores se posicionam como pacientes, e expõem sobre as rezadeiras que procuravam.

Tais diálogos das presentes lembranças se compactuam de certa forma quando são perguntados se eles conhecem e já procuraram rezadeiras como Dona Nazaré, Lourdes de Zé Soares e outras.

Ela reza bem demais, é uma pessoa de Deus, a reza dela é uma fortaleza, tem gente que reza de invenção, pela reza você ver, e Nazaré reza chamando por Deus e por Jesus Cristo, tem que ter concentração e fé. Não é como está numa novena rezando e outra atrapalhando, ali não tem fé.⁵⁵

Nem faz muito tempo, e eu adoeci desse olho esquerdo, ele inchou, fui ao médico, usei colírio e nada, não melhorei de jeito nenhum, ai eu disse sabe de uma coisa, isso foi vento e eu vou procurar ajuda, fui a Dona Nazaré ela rezou três vezes e eu fiquei

⁵⁵ Depoimento concedido por Margarida Bezerra da Nóbrega no dia 06 de Agosto de 2019.

boazinha. Conheço também Lourdes que reza até pra apagar fogo. Lourdes herdou do pai dela, um grande rezador e ela é tão boa quanto ele, reza de tudo.⁵⁶

Procurei muitas vezes, eu rezo, mas não sou rezador não, já arranquei dente com reza. Aprendi com a velha Severina de Equador, me ensinou muito. Conheço Nazaré, Lourdes e Barbado rezam de tudo, os vi eles rezando até em animal.⁵⁷

As três narrações partem de lembranças que por mais que sejam individuais, se encaixam numa coletividade possibilitando o ato de dialogar com as três e de expor o valor social das benzedeadas. ‘’ A lembrança é a sobrevivência do passado. O passado, conservando-se no espírito de cada ser humano, aflora a consciência na forma de imagens-lembranças’’⁵⁸. Lembrar nesse contexto, quando se narra o que lembra, não reconstrói o passado, mas traça por meio de um arquivo como suas experiências e vivências tomam lugar.

Partindo da lembrança dos senhores idosos conseguimos abarcar a relevância social na prática de cura nos quais eles procuram, além de recordações do que viram, os mesmos são testemunhas vivas do ofício de cura das senhoras aqui apresentadas. Cada um deles no seu relato traz um momento de sua vida que necessitou do trabalho das rezadeiras, especificamente Nazaré e Lourdes de Zé Soares. O gesto de recordar e narrar, exemplifica o sentimento de gratidão e reconhecimento social deles enquanto pacientes, indo mais além, os mesmos reafirmam que graças às orações delas conseguiram ser curados, possibilitando a procura na necessidade e a indicação para terceiros.

Assim como Margarida, o senhor Abrahão e Maria do Carmo também são conhecedores de algumas orações, porém não se consideram rezadores, mas percebem que existe uma relação do sagrado com elas. É essencial que se perceba que para a valorização social das rezadeiras existir, precisa-se de um apreço religioso, de uma devoção ou crença, pois se trata de uma relação mística que o enfermo possui para com elas. É por meio da memória religiosa que percebemos essa dimensão, todos os senhores aqui citados possuem idades semelhantes, experiência e lembranças do ritual de cura nos quais participaram, e ambos são cristãos católicos e se consideram pessoas de fé.

Essa semelhança da idade até crença permite que seja discutida por meio de suas lembranças a importância da atuação das senhoras rezadeiras em Junco do Seridó, tal como é introduzido que a cultura popular e a crença religiosa são indissociáveis. Historicamente

⁵⁶ Depoimento concedido por Maria do Carmo no dia 10 de Agosto de 2019.

⁵⁷ Depoimento concedido por Abrahão Alves da Silva no dia 07 de Agosto de 2019.

⁵⁸ BÓISIS, p 53, 2007

qualquer sociedade da antiguidade há esta contemporaneidade e estão ligadas por um laço de tradições religiosas, crenças e histórias cotidianas que graças aos senhores de longos anos de experiência conseguimos adentrar e perceber que o ritual, a prática popular e religiosa, ao tratar como os das benzedoras passam a ser valorizada, pois hereditariamente as histórias sobre seus feitos e seus lugares não perdem espaço, eles resistem, se adaptam e se reafirmam diariamente seja nos olhos da camada social, como na cultura oficial, o catolicismo.

3.3 O catolicismo local e o lugar da rezadeira. Depoimento do Pe Luiz Gonzaga

As tradições populares presente no Brasil, especialmente ao tratar das inúmeras ramificações que encontramos na religião católica, possibilitaram que algumas práticas ao longo do século se modificassem, assim como a cultura e a sociedade são fruto de seu tempo e existe uma necessidade de uma readaptação mesmo lenta, é necessário para compreender o ritmo do povo. Da mesma forma o catolicismo vem se modificando na contemporaneidade com uma nova abertura para o mundo moderno.

Sobre um vislumbre local, foi possível trazer como ponto de partida o depoimento do pároco da cidade, esse por sua vez ganha voz como representante e autoridade máxima local, ao tratar do catolicismo em Junco do Seridó e seu posicionamento com as práticas de cura. Como foi exposto, o ritual de cura das rezadeiras em geral se caracteriza no que TEXEIRA (1997), define como o catolicismo rústico, ou popular, como as tradições e práticas que não convinha aos ritos oficiais da igreja. Todavia, sobre o nosso olhar posto na metade do milênio do século XX e na primeira década do século XXI, enxergamos que a tradições rústicas permanecem fortemente.

Essa forte presença, é perceptível na contemporaneidade ao enxergamos os rituais de cura na região juncoense, que por sua vez observa-se com as detentoras desse ofício rodeiam facilmente o catolicismo local, não apenas circulam entre sua cultura e a cultura oficial, como são reconhecidas pela comunidade cristã, como os fiéis, além da própria igreja reconhecer seu trabalho na cidade.

Trazer a voz da Igreja, assim como foi dado o lugar das vozes das rezadeiras e das pessoas da cidade, é compreender e reforçar como as práticas populares rodeiam a sociedade e não são silenciadas, ela possui um espaço, que muitas vezes não consegue

enxergar. Mediante a esse levante no decorrer de toda discussão, que as narrações das senhoras rezadeiras sempre chegavam ao se reconhecerem enquanto católicas, possibilita que através das lembranças Padre Luiz Gonzaga, possa identificar como a Igreja local da região se posiciona com relação ao ritual de cura.

Padre Luiz Gonzaga é atualmente o pároco administrador da paróquia de Santo Onofre da cidade, filho natural da cidade Riacho de Santana do Rio Grande do Norte, com cinquenta e cinco anos de idade, possuindo vinte anos de ordenação, desde 1999 que atua como líder religioso, passando por quatro cidades do sertão paraibano nas cidades de Piancó, Santana dos Garrotes, Condado e Junco do Seridó.

Denotar o depoimento de Padre Luiz nesse contexto, permite que por meio de sua vasta experiência e de se lugar enquanto cristão e nordestino, analisemos não apenas sua narração a partir de um único ponto, mas de toda sua vida enquanto cristão e líder religioso. Faz-se necessário trazer não apenas seu conhecimento enquanto intelectual católico, mas sua voz enquanto padre representa em especial a voz da cultura oficial, ou seja, o catolicismo local sobre a representatividade do cristão, e do ritual de cura aos olhos da igreja.

No decorrer de sua entrevista ele coloca como enxerga o católico nas localidades que atuou e na cidade de Junco do Seridó “ eu vejo o católico de três formas, nós temos o católico de muita fé que é o fiel, o católico de tradição, que são aqueles que participam das festas, e procura a igreja em momentos de dores, e aquele que não é fiel, mas se considera católico”⁵⁹. O que chama atenção nesse posicionamento é a relação do pároco para essas significações, pois segundo o mesmo, existe uma parcela da sociedade não apenas de rezadeiras, mas de outras tradições que fazem parte da igreja e se diz católico, todavia, o mesmo mantém uma relação de extremo respeito, pois é uma relação de crença desses indivíduos.

A crença e a experiência de fé que o Padre coloca, deve ser enxergado por meio da ótica da circularidade cultural, haja vista que, em meios as diversas tradições e ramificações que se afloram no cristianismo como defende ELIADE (1992), advém dessa experiência de fé e por mais que possuam ritos distintos a fé, a crença no mesmo Deus os une. Para além desse olhar cuidadoso que o padre tem sobre esses anos de atuação com relação ao fiel, é visível que ao voltar suas memórias antes de sua ordenação o mesmo abre voz sobre suas lembranças e seu posicionamento para com as rezadeiras e benzedeiros.

⁵⁹ Depoimento concedido pelo Padre Luiz Gonzaga no dia 16 de Agosto de 2019.

Com relação as benzedeadas, desde minha infância que acompanhei meu pai que era um rezador, lembro de quando ele chegava do trabalho, tomava banho e se preparava para atender inúmeras crianças e senhores que o procuravam, ele orava de tudo.⁶⁰

Ainda sobre sua fala, ele relata sobre sua infância e que presenciou inúmeras vezes as pessoas que chegavam à sua casa enfermas, especialmente as crianças e melhoravam. Por meio desse relato algumas questões vão tomando forma no depoimento do Padre Luiz, qual segundo ele, enxerga as pessoas como as rezadeiras, da mesma forma que os apóstolos que em nome de Deus curavam, considera como pessoas puras, que desempenham um papel de extrema importância nas localidades que atuam, e respeita fortemente essa prática.

Novamente, o exercício de lembrar ganha forma e no fragmento de memória encontramos a recordação do padre com seu pai André Pereira, que atuava com rezador na sua cidade. Olhando para o lugar social do Padre Luiz Gonzaga e sua memória religiosa na sua infância e juventude, é notável que o reconhecimento do mesmo sobre o ritual de cura das rezadeiras do Junco advém de sua experiência em casa com o seu pai, e com sua passagem nas cidades no qual atuou como Padre.

Diferentemente do Século XX, nessa contemporaneidade existe uma abertura no Brasil quando se volta para as tradições religiosas e populares no País, por considerar-se um estado laico⁶¹. Essa laicidade promove uma abertura maior sobre que a cultura com maior hegemonia se deve se posicionar com relação às demais tradições. Todavia, não apenas ao olhar total, mas sobre o local, a experiência religiosa do Pároco e sua posição expõem a importância das tradições populares na cidade.

No depoimento dele, enxergamos que a visão da igreja local se encaixa com a visão social das pessoas que deram seus depoimentos, o reconhecimento do ofício enquanto prática e dom, a percepção da rezadeira enquanto mediadora e a importância da fé que o enfermo deve possuir para ser curado, pois, para os quatro senhores e o padre, a cura depende exclusivamente da fé que o enfermo possui.

Sobre as percepções de Padre Luiz, uma das características ritualísticas da cura da benzedeadas com o catolicismo é o início das orações, sempre iniciando com a Santíssima Trindade, Pai nosso, Credo e etc. doravante o padre ressalva que, uma das missões do

⁶⁰ Depoimento concedido pelo Padre Luiz Gonzaga no dia 16 de agosto de 2019.

⁶¹ Ver Art 5º, Constituição da República Federativa do Brasil: texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações determinadas pelas Emendas Constitucionais de Revisão nos 1 a 6/94, pelas Emendas Constitucionais nos 1/92 a 91/2016 e pelo Decreto Legislativo no 186/2008. – Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2016.

catolicismo romano também está presente na rezadeira; a caridade. A missão de agir sobre o outro sem esperar retornos financeiros ou afins. As características citadas, reforçam o porquê das rezadeiras se considerarem cristãs católicas e não de outra ramificação.

Expor as lembranças do Padre Luiz, assim como foi posto em discussão as falas das demais senhoras e senhores da cidade, traz em resposta se, de fato, existe uma implicância social e cultural por meio dos rituais de reza das rezadeiras, não apenas a cultura católica, mas os saberes médicos reconhecem que a crença e os saberes populares podem trazer determinadas curas para os enfermos que a procuram, tal trabalho das senhoras rezadeiras da cidade, passa também a ser enxergado pelo padre através de suas experiências como cristão e cidadão que via no seu pai, o importante trabalho que ele fazia, e como padre que reconhece a caridade, a missão e o do que se presenteiam no cristianismo.

A memória religiosa e coletiva por meio da oralidade que foi narrada, deu lugar aos silenciados, não apenas as rezadeiras, mas a cidade e seus moradores que muito vivenciaram e presenciaram nos trabalhos realizados por essas mulheres, tornando e ressignificando o ofício de reza como uma implicância social forte na história da cidade de Junco do Seridó, do interior do estado da Paraíba.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Em linhas gerais, é plausível que a discussão aqui imposta, buscou analisar o ritual de cura e as implicações sociais das rezadeiras na cidade de Junco do Seridó, trazendo uma análise sobre como esses ofícios que se enquadram na cultura popular se interligam com a sua localidade e como esses rituais de cura permanecem nessa sociedade atuando fortemente. Foi traçando nossos olhares para a história cultural e social que as vozes da cidade tomaram forma nessa pesquisa, como as das rezadeiras atuantes, dos pacientes, cidadãos e representantes da cultura oficial, possibilitando o promover de tal análise.

Poder construir uma análise cultural e social que exponha como o ritual de cura dá início, onde ele atua, e quais são as características desse ritual, só se faz possível quando são trazidas as vozes que por vezes se silenciavam sobre sua história, mas que ao mesmo tempo muito falavam quando se referia ao ato de curar, como as orações, o manuseamento do raminho e a produção dos remédios naturais. A iniciação dessas mulheres enquanto rezadeiras, suas experiências como aprendizes e mestres, deu espaço para um olhar histórico sobre a resignificação de suas práticas, da mesma forma que as memórias dos cidadãos entrevistados expôs a presença e importância desse rito na sua sociedade.

A construção dessa pesquisa deu-se por meio do viés oral, qual através dele pudemos sair da nossa escrivania e observar, recolher e entrevistar esses senhores e senhoras. Não apenas foram recolhidos os depoimentos das rezadeiras, mas dos cidadãos e do padre da igreja local, trazendo o olhar social sobre as práticas de cura da rezadeira, que partindo dessas entrevistas foi abarcado as visões, histórias e supostas curas que a sociedade enxergava, além do próprio reconhecimento da cultura local.

Possibilitar um olhar historiográfico sobre esse ofício, que até o prezado momento não havia sido trabalhado, ao se referir a cidade juncoense tornou-se uma das questões-chaves para pesquisa, reforçando que a nível local é possível que se adentre a universos que apenas o senso comum caminhava. Foi a partir das narrações sobre as doenças, os tipos de orações e tipos de remédios que a pesquisa conseguiu caminhar para desmitificar essa simbologia e por sobre forma de objeto, como as práticas culturais populares, são plurais e ao mesmo tempo únicas por possuírem significações diferentes.

Por fim, consideramos que a presente produção visou os cuidados possíveis para não se distanciar do objeto de estudo e responder as demais problemáticas levantadas no início do trabalho, possibilitando compreender, que existe na cidade de Junco do Seridó

uma presença do ritual de cura, que nessa contemporaneidade não atua apenas na zona rural, mas também na área urbana, sendo por sua vez reconhecida enquanto prática, para além de uma visão folclórica, mas que da mesma forma que qualquer ofício, as senhoras que ocupam esse lugar como rezadeiras, são enxergadas como senhoras sábias e importantes para a cidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verena. **Manual de história Oral**, 3 edi- Rio de Janeiro, Editora FGV, 2005.

ANDRADE, Maristela O. **A Religiosidade Brasileira: o pluralismo religioso, a diversidade de crenças e o processo sincrético**. João Pessoa, CAOS, 2009.

BÓISIS, Eclea **Memória e Sociedade, Lembranças de velhos**, São Paulo, Companhia das letras, 15 ed. 1994.

BURKER, Peter. **História cultural na idade moderna**. 1988.

BÍBLIA, A. Mateus. In BÍBLIA. **Sagrada Bíblia Católica: Antigo e Novo Testamento**. Tradução Luiz José Dietrich, Brasília , 2013. P 1187-1223.

Constituição da República Federativa do Brasil: texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações determinadas pelas Emendas Constitucionais de Revisão nos 1 a 6/94, pelas Emendas Constitucionais nos 1/92 a 91/2016 e pelo Decreto Legislativo no 186/2008. – Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2016.

CERTAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 3° Ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

COSTA Joalison de S. **As velhas benzedeadas/rezadeiras cacimbenses**. TCC Graduação em História, UEPB, 2018.

ELIADE, Mircea, 1907 1986. **O sagrado e o profano** / Mircea Eliade ; [tradução Rogério Fernandes]. – São Paulo: Martins Fontes, 1992. – (Tópicos).

GINZBURG, Carlos **Os Andarilhos de bem**, São Paulo, Companhia das Letras 2010.

MOTT, Luiz. **Cotidiano e vivência religiosa: entre a capela e o calundu**. História da vida privada v.1: cotidiano e vida privada na América portuguesa. São Paulo, Companhia das Letras, 1997, p.155-220.

MS - Ministério da Saúde. **Política Nacional de Plantas Mediciniais e Fitoterápicos**. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos - Departamento de Assistência Farmacêutica. Distrito Federal, 2006.

MAURICE, Halbwachs. **Amemória coletiva**. Edit. Revista dos tribunais, SP, 1990.

OLIVEIRA, Elda Rizzo de. **O que é benzeção**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. Estudos Históricos, Rio de. Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15. RÉMOND, René (org.)

QUINTANA, Alberto Manuel. **A ciência da benzedura: mau-olhado, simpatias e uma pitada de psicanálise** / Alberto Manuel Quintana. - Bauru, SP: EDUSC, 1999.

SALES, Cristiane Maria Pimentel. **Rezadeiras—uma fé popular**. Ceará, OPSIS, 2007.

SOUZA, Maria Cristiane Pereira. S725p **A palavra e o lugar da cura: história oral** / Maria Cristiane Pereira Souza. – Porto Velho, 2008. p. 193.

TOMPSON, E. P. **Costumes em comuns**/ E. Thompson revisão técnica, Antonio Negro, Cristina Meneguelo, Paulo Fontes- São Paulo. Companhia das letras 1998.

TOMPSON, E. P. **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos**. Campinas: Edunicamp, 2010.

TEIXEIRA, Douglas. **Um confronto entre Juazeiro, Canudos e Contestado** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 1997.

THEOTHONIO Andrea C. Rodrigues. **Entre ramos de poder: rezadeiras e práticas mágicas na zona rural de Areia- PB**. Dissertação Pós Graduação em História, UFCG, 2010.

FONTES ORAIS

Maria Nazaré dos Santos, 68 anos, agricultora aposentada, Rua Balduino Guedes, Junco do Seridó PB.

Maria de Lourdes Silva, 75 anos, agricultora aposentada, Rua Francisco Cabral, Junco do Seridó PB.

Ivete Simplicio, 68 anos, agricultora aposentada, Rua Balduino Guedes, Junco do Seridó PB.

Jacira Maria dos Santos Nóbrega, 65 anos, aposentada, Rua Manoel Balduino, Junco do Seridó PB.

Marina Galdino da Silva, 68 anos, professora aposentada, Rua Alcinda Maria, Junco do Seridó PB.

Margarida Bezerra da Nóbrega, agricultora 75 anos, aposentada, Rua Joselito Araújo, Junco do Seridó PB.

Abrahão Alves da Silva, 79 anos, funcionário publico aposentado, Rua Joselito Alves, Junco do Seridó PB.

Maria do Carmo e Souza, 68 anos, agricultora, Sitio Unha de gato, aposentada, Junco do Seridó PB.

Luiz Gonzaga, 55 anos, padre, Rua Balduino Guedes, Junco do Seridó PB.

CARTOGRÁFICAS

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Sinopse por setores IBGE. Censo 2010. Disponível em: <http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopsesetores/?nivel=st>. Acesso em 11/10/2019.

APÊNDICES

APÊNDICE

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA
PARAÍBA - PRÓ-REITORIA DE
PÓS-GRADUAÇÃO E
PESQUISA / UEPB - PRPGP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: AS PRÁTICAS DE CURA E A INFLUÊNCIA SOCIOCULTURAL DAS REZADERIAS JUNCOENSES

Pesquisador: ALBERTO EDVANILDO SOBREIRA COURA

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 17269219.2.0000.5187

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.626.607

Apresentação do Projeto:

Projeto de pesquisa apresentado ao Comitê de Ética em Pesquisa na Universidade Estadual da Paraíba, a fim de obtenção de permissão para desenvolvimento de pesquisa na área de Ciências Humanas. Pesquisa de autoria de Franciel dos Santos Rodrigues, orientada por Alberto Edvanildo Sobreira Coura e intitulada "As práticas de cura e a influência sociocultural das rezadeiras juncoenses". Pesquisa de conclusão do Curso de Graduação em História, do Centro de Educação, da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

Objetivo da Pesquisa:

A pesquisa apresenta como objetivo geral: Analisar as práticas culturais e a implicância social do ofício da rezadeira enquanto manifestação cultural na cidade de Junco de Seridó PB, tendo por objetivo atentar sobre a importância da prática de cura e do ofício das benzedeiras dentro da comunidade juncoense. Os objetivos específicos são: Observar partindo da memória coletiva da comunidade como a manifestação cultural sobre a prática de cura, compreendendo a circularidade no qual o ofício da rezadeira se construiu na sua localidade; Compreender como as representações do ofício da rezadeira e como sua influência está vinculada dentro de sua comunidade, entendendo assim os conceitos de cultura e sociedade; Apontar as relações entre as rezadeiras e a população juncoense a partir dos depoimentos dos mesmos.

Endereço: Av. das Baraúnas, 351- Campus Universitário
Bairro: Bojócongô **CEP:** 58.109-753
UF: PB **Município:** CAMPINA GRANDE
Telefone: (83)3315-3373 **Fax:** (83)3315-3373 **E-mail:** cep@uepb.edu.br

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA
PARAÍBA - PRÓ-REITORIA DE
PÓS-GRADUAÇÃO E
PESQUISA / UEPB - PRPGP



Continuação do Parecer: 3.626.607

Projeto Detalhado / Brochura	PROJETO_AUTORIZADO_SEM_PEND ENCIAS.pdf	29/08/2019 08:53:27	ALBERTO EDVANILDO SOBREIRA COURA	Aceito
Investigador				
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	29/08/2019 08:51:59	ALBERTO EDVANILDO SOBREIRA COURA	Aceito
Folha de Rosto	FOLHA.pdf	18/06/2019 22:18:04	ALBERTO EDVANILDO SOBREIRA COURA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Universidade Estadual da Paraíba
Dóris Nóbrega de Andrade Laurentino
Coordenadora Adjunta do Comitê de Ética em Pesquisa
UEPB

CAMPINA GRANDE, 07 de Outubro de 2019

Assinado por:

Dóris Nóbrega de Andrade Laurentino
(Coordenador(a))

Endereço: Av. das Baraúnas, 351- Campus Universitário
Bairro: Bodocongó **CEP:** 58.109-753
UF: PB **Município:** CAMPINA GRANDE
Telefone: (83)3315-3373 **Fax:** (83)3315-3373 **E-mail:** cep@uepb.edu.br